

## A GUERRA COMO CONDIÇÃO DE SANTIDADE: FREIRES E MÁRTIRES VENERADOS ENTRE AS ORDENS MILITARES (SÉCULOS XII-XVI)

JOANA LENCART

CITCEM - FLUP

<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi28a8>

[jlencart@letras.up.pt](mailto:jlencart@letras.up.pt)

**RESUMO:** Este trabalho tem uma dupla dimensão de estudo. Visa estudar os freires das Ordens Militares que morreram em aura de santidade, sobretudo aqueles que a alcançaram através do martírio, desde o século XII até ao século XVI. Os santos guerreiros das Ordens Militares, nos quais se incluem beatos, veneráveis e virtuosos, são associados à guerra ao infiel, à Cruzada, tanto na Terra Santa como na Península Ibérica, em contexto de Reconquista, e ainda à guerra no norte de África. Num segundo momento, serão ainda abordadas as narrativas hagiográficas redigidas por freires das Ordens Militares, durante a Idade Média e no início da Época Moderna.

**PALAVRAS-CHAVE:** Santos; Martírio; Ordens Militares; Idade Média; Época Moderna

**ABSTRACT:** This paper focus on a double dimension of research. It aims to study the friars of the Military Orders who died in an aura of sanctity, especially those who achieved it through martyrdom, between the 12th and the 16th century. The holy warriors of the Military Orders, which include the beatified, the venerable, and the virtuous, are associated with the war against the infidel, the Crusade, both in the Holy Land and in the Iberian Peninsula, in the context of the Reconquista, and within the war in North Africa. In a second moment, the hagiographic narratives written by friars of the Military Orders will be examined, especially those written along the Middle Ages and the beginning of Modern Ages.

**KEYWORDS:** Saints; Martyrdom; Military Orders; Middle Ages; Modern Ages

### 1. Introdução

Inerente à realização deste trabalho esteve a intenção de estudar os freires das Ordens Militares que morreram em aura de santidade, sobretudo aqueles que ficaram memorados pelo seu martírio, numa cronologia que incide sobre a

Idade Média e inícios da época moderna.

Trata-se de uma investigação que se revela, à partida, muito condicionada pois são praticamente inexistentes os estudos sobre a “santidade” dos freires das Ordens Militares. A esta dificuldade acresce a ausência de fontes específicas, não só de carácter narrativo e hagiográfico, mas também litúrgico, como missais, breviários, rituais, lecionários, sermonários entre outros livros, usados pelos freires das Ordens Militares.

Através do inventário da *Mesa da Consciência e Ordens*<sup>1</sup>, importante fundo do arquivo nacional relativo às Ordens Militares, é possível conhecer alguns títulos de obras que pertenciam aos conventos e igrejas dessas instituições, nomeadamente as de carácter litúrgico e teológico. Uma investigação recente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo permitiu analisar alguma dessa documentação mencionada no referido inventário. Foi, assim, possível identificar algumas informações que poderão contribuir para enriquecer o estudo sobre a devoção hagiográfica dos freires das Ordens Militares portuguesas na Idade Média e inícios da época moderna.

O referido inventário da *Mesa da Consciência e Ordens* menciona, por exemplo, que no convento de Palmela havia um calendário eclesiástico datado do século XIV e um manuscrito do século XVI, que continha cópias de missais e santorais, entre outras obras<sup>2</sup>. O calendário eclesiástico do século XIV regista, ao longo do ano litúrgico, as festas do ano assinalando santos, mártires, virgens e confesores, com leituras e orações<sup>3</sup>, mas sem qualquer referência específica a freires mártires das Ordens Militares. Por sua vez, o manuscrito descrito como sendo do século XVI contém um breviário copiado no convento de Uclès, em 1504, e os Estabelecimentos de D. Alonso de Cardenas, de 1481. Mas inclui também documentação redigida anteriormente. Referimo-nos a um calendário truncado, apenas com os meses de março a dezembro, onde estão assinaladas as festas celebradas em certos dias do ano. Não tem, contudo, qualquer referência a freires venerados entre as Ordens Militares.

Nos conventos principais das Ordens Militares havia obituários, livros onde se registavam as mortes de freires e outras pessoas enterradas nos conventos. Para os finais do século XVII conhece-se um obituário para a Ordem de Avis<sup>4</sup>

<sup>1</sup> FARINHA, Maria do Carmo; JARA, Anabela Azevedo – *Mesa da Consciência e Ordens: inventário*. Lisboa: IAN/TT, 1997.

<sup>2</sup> FARINHA, Maria do Carmo; JARA, Anabela Azevedo – *Mesa da Consciência e Ordens: inventário*. Lisboa: IAN/TT, 1997, p. 363.

<sup>3</sup> ANTT, *Ordem de Santiago/Convento de Palmela*, liv. 355.

<sup>4</sup> FARINHA, Maria do Carmo; JARA, Anabela Azevedo – *Mesa da Consciência e Ordens: inventário*. Lisboa: IAN/

e, na centúria seguinte, outro para as Ordens de Cristo<sup>5</sup> e de Santiago<sup>6</sup>, mas extravasam a cronologia deste estudo.

Ao longo do período medieval e início da época moderna, as visitas às igrejas e comendas das Ordens Militares resultaram na redação de livros mais ou menos extensos que, além de se reportarem ao estado de conservação do património dessas instituições, avaliavam o cumprimento da normativa e das devoções. Esses textos referem-se a livros existentes nos templos dessas instituições, muitos dos quais de carácter litúrgico e teológico, mas dos quais desconhecemos atualmente o paradeiro.

José Marques redigiu um texto intitulado “Aspectos culturais em visitas às Ordens Militares” dedicado exclusivamente aos livros, litúrgicos e não só, encontrados pelos visitantes nas igrejas, capelas e ermidas das Ordens de Cristo e de Santiago<sup>7</sup>. Informa que a visita à igreja de Santa Maria de Setúbal, em 1510, registou entre outros livros quatro saltérios “muito velhos e caducos”<sup>8</sup>. A igreja matriz da Ordem de Cristo em Tomar, Santa Maria dos Olivais, tinha um *Flos Sanctorum*. No início do século XVI, essa igreja tinha 34 livros, entre obras de carácter litúrgico, de espiritualidade e de direito canónico, entre as quais um rico missal flamengo oferecido por D. Manuel<sup>9</sup>. Tanto na Ordem de Santiago como na Ordem de Cristo havia igrejas com um número considerável de livros litúrgicos, mas, outras havia totalmente desprovidas de livros que permitissem celebrar com dignidade os ofícios divinos. Para fazer face às situações de absoluta carência, os próprios administradores dessas Ordens Militares faziam doações aos templos mais carenciados. Foi o caso das doações que D. Manuel, enquanto governador da Ordem de Cristo, fez a algumas igrejas da Ordem e que ficaram registadas em livro<sup>10</sup>.

TT, 1997, p. 370.

<sup>5</sup> FARINHA, Maria do Carmo; JARA, Anabela Azevedo – *Mesa da Consciência e Ordens: inventário*. Lisboa: IAN/TT, 1997, p. 235.

<sup>6</sup> FARINHA, Maria do Carmo; JARA, Anabela Azevedo – *Mesa da Consciência e Ordens: inventário*. Lisboa: IAN/TT, 1997, p. 354.

<sup>7</sup> MARQUES, José - *Aspectos culturais em visitas às Ordens Militares*. In FERNANDES, Isabel Cristina (ed.) - *Ordens Militares: Guerra, Religião, Poder e Cultura*. Vol. 2. Lisboa: Ed. Colibri e Câmara Municipal de Palmela, 1999, p. 11-28.

<sup>8</sup> Cf. MARQUES, José - *Aspectos culturais em visitas às Ordens Militares*. In FERNANDES, Isabel Cristina (ed.) - *Ordens Militares: Guerra, Religião, Poder e Cultura*. Vol. 2. Lisboa: Ed. Colibri e Câmara Municipal de Palmela, 1999, p. 14.

<sup>9</sup> MARQUES, José - *Aspectos culturais em visitas às Ordens Militares*. In FERNANDES, Isabel Cristina (ed.) - *Ordens Militares: Guerra, Religião, Poder e Cultura*. Vol. 2. Lisboa: Ed. Colibri e Câmara Municipal de Palmela, 1999, p. 15, 26.

<sup>10</sup> LENCART, Joana – *Objetos de cultos, vestimentas e livros oferecidos por D. Manuel I a igrejas da Ordem de Cristo*. «Revista de Artes Decorativas», nº 7 (2015-2019), CITAR/UCR, p. 41-79.

Por sua vez, os livros de notas do convento de Tomar arrolam diversas despesas com livros litúrgicos como breviários, missais, entre outros<sup>11</sup>. Frei António de Lisboa, prior-mor do convento de Tomar, e memorado no *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso, como veremos, mandou adquirir diversos livros de apoio ao culto, entre os quais missais e breviários<sup>12</sup>.

Os inventários conventuais são auxiliares preciosos neste tipo de investigação, mas nem sempre são de fácil acesso ou identificação. Podem dar referências acerca dos títulos existentes nas bibliotecas e acessíveis aos freires num determinado momento, mas podemos não conhecer a localização desses livros. Sabemos que, por morte de D. Martim do Avelar, Mestre da Ordem de Avis, o provedor do mestrado, Fr. Gonçalo Esteves, redigiu um inventário, datado de 1362<sup>13</sup>. Por este inventário, ficamos a conhecer os livros litúrgicos existentes em várias igrejas da Ordem de Avis, em meados do século XIV. São, na sua essência, livros associados à liturgia quotidiana onde, para além dos missais, evangeliários e saltérios, constatamos a existência de santorais<sup>14</sup> que, caso tivessem sobrevivido, seriam um auxiliar precioso para conhecer a devoção destes freires. Para a Ordem de Santiago existem inventários da sacristia, datados do século XVIII, que poderiam fornecer indícios acerca de eventuais livros litúrgicos em uso no convento de Palmela<sup>15</sup>. Não obstante, a consulta desses mesmos inventários apenas nos fornece informações parcelares. Segundo o inventário da igreja e sacristia do convento de Palmela de 1728, havia sete missais, um deles “lavrado de ouro e serve no altar mor”<sup>16</sup>, e ainda breviários, passionários e cinco livros de cantochão. O inventário de 1752 diz-nos que na sacristia havia livros do coro, dois calendários, “hum livro de quarto dos santos da Ordem e outros dos santos do Patriarchado”<sup>17</sup>. O inventário da sacristia e refeitório do convento de Palmela, de 1760, regista que no refeitório havia

“huma Biblia muito desconjuntada. Hum *Flos Sanctorum*”<sup>18</sup>.

Os inventários redigidos na sequência da desamortização dos bens dos mosteiros e conventos, em 1834, também revelam informações parcelares sobre as bibliotecas e cartórios dessas instituições à época da extinção das ordens religiosas. Desta cronologia (1834-1836) datam o catálogo das obras da livraria e do cartório do convento de Avis<sup>19</sup> e os inventários da extinção dos conventos de Avis<sup>20</sup>, de Tomar<sup>21</sup> e de Palmela<sup>22</sup>, existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Pelo inventário do convento de Avis sabemos que havia no coro diversos livros de cantochão, entre os quais, santorais, passionários e um martirológio “muito usado”<sup>23</sup>. Na livraria “pertencente à fábrica” do convento de Avis, entre livros litúrgicos, teológicos, de direito canónico e de outros géneros, registou-se uma história de Santo Amaro<sup>24</sup>, uma outra de S. Francisco Xavier<sup>25</sup>, uma vida de Santo António da Madre de Deus<sup>26</sup>, entre outras vidas de santos. Também foi registado uma “Peregrinação Christãa”<sup>27</sup> e uma “Vida do Grão Mestre da Ordem da Religião Gesozolimitana”<sup>28</sup> em italiano. O inventário de Palmela regista sobretudo bens de raiz, foros e alfaias litúrgicas, mencionando, de forma lacónica, o conteúdo das estantes do cartório. Os inventários dos cartórios dos conventos de Palmela e de Tomar não tem referências a livros de carácter hagiográfico.

O catálogo das obras da livraria e do cartório do convento de Avis, publicado em parte por Isabel Ferreira, identifica um livro de “vidas de santos” de Aloísio Lipo, em latim e de 1528<sup>29</sup> e uma “Vida de D. João da Ribeira [...] patriarca de Antioquia e arcebispo de Valença”, datado de 1612<sup>30</sup>.

As Ordens Militares tinham a liturgia e as homilias adaptadas às características específicas destas instituições. Refira-se, a título de exemplo, a

<sup>18</sup> ANTT, *Ordem de Santiago/Convento de Palmela*, liv. 326, p. 50.

<sup>19</sup> FARINHA, Maria do Carmo; JARA, Anabela Azevedo – *Mesa da Consciência e Ordens: inventário*. Lisboa: IAN/TT, 1997, p. 373.

<sup>20</sup> ANTT, *Ministério das Finanças, Convento de São Bento de Avis*, cx. 2197.

<sup>21</sup> ANTT, *Ministério das Finanças, Convento de Cristo de Tomar*, cx. 2255.

<sup>22</sup> ANTT, *Ministério das Finanças, Convento de Santiago de Palmela*, cx. 2242.

<sup>23</sup> ANTT, *Ministério das Finanças, Convento de São Bento de Avis*, cx. 2197, fls. 29v-30r.

<sup>24</sup> ANTT, *Ministério das Finanças, Convento de São Bento de Avis*, cx. 2197, fl. 42r.

<sup>25</sup> ANTT, *Ministério das Finanças, Convento de São Bento de Avis*, cx. 2197, fl. 46r.

<sup>26</sup> ANTT, *Ministério das Finanças, Convento de São Bento de Avis*, cx. 2197, fl. 52r.

<sup>27</sup> ANTT, *Ministério das Finanças, Convento de São Bento de Avis*, cx. 2197, fl. 47v.

<sup>28</sup> ANTT, *Ministério das Finanças, Convento de São Bento de Avis*, cx. 2197, fl. 49v.

<sup>29</sup> FERREIRA, Maria Isabel Rodrigues – *O Catálogo da livraria do extinto convento de S. Bento de Avis*. «Lusitania Sacra», 25 (2012), p. 267 (pp. 247-281).

<sup>30</sup> FERREIRA, Maria Isabel Rodrigues – *O Catálogo da livraria do extinto convento de S. Bento de Avis*. «Lusitania Sacra», 25 (2012), p. 275 (pp. 247-281).

<sup>11</sup> LENCART, Joana - *Pedro Álvares Seco: a retroprojeção da memória da Ordem de Cristo no século XVI*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018, p. 145. Disponível em <https://hdl.handle.net/10216/112284>

<sup>12</sup> LENCART, Joana - *Pedro Álvares Seco: a retroprojeção da memória da Ordem de Cristo no século XVI*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018, p. 142.

<sup>13</sup> Inventário publicado em Rosa-Pereira, 1997: 249-253.

<sup>14</sup> São indicados santorais nas igrejas de Alcanede, Benavente, Borba, S. Salvador de Veiros, S. Salvador de Serpa, Santa Maria de Serpa, S. João e Santa Maria de Moura, Juromenha, Santa Maria de Beja e Sousel (cf. Rosa-Pereira, 1997: 249-253).

<sup>15</sup> FARINHA, Maria do Carmo; JARA, Anabela Azevedo – *Mesa da Consciência e Ordens: inventário*. Lisboa: IAN/TT, 1997, p. 362.

<sup>16</sup> ANTT, *Ordem de Santiago/Convento de Palmela*, liv. 325, p. 15.

<sup>17</sup> ANTT, *Ordem de Santiago/Convento de Palmela*, liv. 80, p. 6.

liturgia da celebração para a libertação de Jerusalém que se celebrava não apenas na Terra Santa, mas em toda a Cristandade, desde 1099, e a homília sobre o significado do hábito dos freires de Santiago<sup>31</sup>. Estas homílias fomentavam o espírito cruzado e eram lidas durante a pregação para a Cruzada, não só entre as Ordens Militares, mas nos vários conventos e catedrais e a pedido dos reis<sup>32</sup>. Com caráter pontual, refiram-se as homílias que antecederam a tomada de Lisboa (1147) e a tomada de Alcácer (1217) que exortavam os guerreiros à libertação do território da presença muçulmana.

Tendo em conta a essência cruzadística destas Ordens Religioso-Militares na época medieval, procurou-se compreender de que forma a “guerra santa”, conceito em franca disseminação a partir do século XI, condicionou a veneração dos freires destas instituições. Para o estudo desta vertente, foram usadas fontes concretas: as crónicas que memoravam feitos de freires venerados entre as Ordens Militares e o *Agiologio Lusitano*, publicado a partir da segunda metade do século XVII, que condensa toda a plêiade de santos, beatos, veneráveis e virtuosos do Portugal de então.

Este estudo dividir-se-á em duas partes: na primeira serão estudados os freires das Ordens Militares memorados por atos de santidade ou por virtudes excepcionadas e que, por tal, foram incluídos nos calendários hagiográficos; e aqueles que, não sendo membros de uma Ordem Militar estão a elas associados por feitos guerreiros ou heróicos, sendo por tal venerados entre essas instituições. Na segunda parte será feito um breve levantamento de freires das Ordens Militares a quem são atribuídos relatos e narrativas de caráter hagiográfico, mas não necessariamente de indivíduos dessas instituições.

## 2. Freires e mártires venerados entre as Ordens Militares

A espiritualidade militar constitui o principal carisma dos freires das Ordens Militares, sendo uma modalidade de ascese que busca a perfeição através do uso das armas, garantido a salvação àquele que a pratica<sup>33</sup>. As Ordens Militares identificam-se, particularmente, com o martírio assimilado a partir da primeira Cruzada (1095) com a morte em combate contra os inimigos da fé de Cristo.

Esta exortação do martírio pela fé estava bem expressa no *De Laude Novae*

*Militiae*, texto redigido por Bernardo de Claraval para os freires Templários cerca de 1130, e aceite como o primeiro texto normativo da Ordem. Começando por citar a carta de S. Paulo aos Romanos “Se vivemos, vivemos para o Senhor e se morremos, morremos para o Senhor” (Romanos 14:8), S. Bernardo acrescenta “Que felizes morrem os mártires em combate! Alegria-te valoroso atleta, se vives e vences no Senhor; mas salta de gozo e de glória se morres e te unes intimamente ao Senhor”<sup>34</sup>.

Por sua vez, a Reconquista peninsular, aliada aos conceitos de sacralização da violência e da guerra santa, forneceu o cenário propício aproveitado pelas Ordens Militares para preconizarem a guerra ao infiel da fé de Cristo<sup>35</sup>.

No território que se tornaria reino de Portugal a devoção a santos e mártires antecedeu em muito o aparecimento das Ordens Militares. Conscientes disso, a devoção dos freires a cultos de natureza local e regional pré-existentes aproximava as Ordens Militares, que os promoviam, às sociedades locais criando-se uma simbiose. Refiram-se os casos da igreja dos santos Veríssimo, Máxima e Júlia, hoje Santos-o-Velho, entregue por D. Sancho I, em 1194, à Ordem de Santiago, que aí ergueria um convento feminino (as comendadeiras de Santos); e da igreja de S. Félix, Santo Adrião e Santa Natália de Chelas, onde Afonso Henriques instalaria uma comunidade monástico-militar, mais tarde transferida para outras observâncias<sup>36</sup>. O livro dos milagres de S. Vicente (c. 1180) conta que D. Gualdim Pais, Mestre Templário, enquanto venerava com outros cavaleiros as relíquias de S. Vicente na catedral de Lisboa, assistiu à cura de uma possessão demoníaca<sup>37</sup>. A devoção a Santa Catarina de Alexandria cresceu no Ocidente com as Cruzadas, tendo particular devoção entre os Hospitalários. No reino de Portugal, os Templários dedicaram-lhe a ermida octogonal de Monsaraz<sup>38</sup>.

<sup>34</sup> Trad. de RODRÍGUEZ-GARCÍA, José Manuel - *La cruzada en tiempos de Alfonso X*. Madrid: Sílex, 2014, p. 51.

<sup>35</sup> Sobre a questão de Reconquista e Guerra Santa no espaço ibérico ver: BRONISCH, Alexander Pierre, *Reconquista y guerra santa: la concepción de la guerra en la España cristiana desde los visigodos hasta comienzos del siglo XII*. Granada: Universidad de Granada, 2006 e *Orígenes y desarrollo de la Guerra Santa en la Península Ibérica. Palabras e imágenes para una legitimación (siglos X-XIV)*, Carlos de Ayala Martínez, Patrick Henriot et J. Santiago Palacios Ontalva (dir.). Madrid: Casa de Velázquez, 2016.

<sup>36</sup> PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 82 (pp. 73-90).

<sup>37</sup> PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 83 (pp. 73-90); BARROCA, Mário Jorge - *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. 1, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia/ Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000, p. 527.

<sup>38</sup> PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal

<sup>31</sup> RODRÍGUEZ-GARCÍA, José Manuel - *La cruzada en tiempos de Alfonso X*. Madrid: Sílex, 2014, p. 155, 158.

<sup>32</sup> RODRÍGUEZ-GARCÍA, José Manuel - *La cruzada en tiempos de Alfonso X*. Madrid: Sílex, 2014, p. 158.

<sup>33</sup> AYALA MARTÍNEZ, Carlos de - *Espiritualidad y prácticas religiosas en las Ordenes Militares. Los orígenes de la espiritualidad militar*. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) - *As Ordens Militares. Freires, Guerreiros, Cavaleiros*. Vol. 1, Palmela: GEOS/ Município de Palmela, 2012, p. 157 (pp. 139-172).

Entre as Ordens Militares, os mártires representavam a entrega à violência enquanto testemunho da fé e do amor a Cristo, simbolizando um modelo de comportamento entre a espiritualidade dessas instituições. É no contexto de finais do século XI que surge a invocação de Santa Maria dos Mártires, característica peculiar do culto a Nossa Senhora. As primeiras igrejas em Portugal dedicadas a Santa Maria dos Mártires são em Lisboa, Silves e Alcácer do Sal, erigidas para sepultar os cruzados mortos em combate nos cercos dessas localidades, em 1147, 1185 e 1217, respetivamente<sup>39</sup>. Também as Ordens de Cristo e do Hospital tinham templos dedicados a esta invocação particular<sup>40</sup>. Os maiores impulsionadores deste culto foram os santiaguistas que lhe consagraram ermidas funerárias em Alcácer do Sal e Castro Marim e as matrizes de Cacela e Tavira<sup>41</sup>. Segundo uma visitação de 1513 à igreja santiaguista de Alcácer é descrito que “no corpo da dita igreja da parte do Evangelho estaa hum moymento de pedra metido no meyo da parede omde dizem que jazem os marteres”<sup>42</sup>.

S. Martinho de Soure, não sendo freire, foi um clérigo diocesano que atuava em território templário e que, segundo a lenda, convertera ao cristianismo muitos muçulmanos. Segundo o seu biógrafo, durante uma incursão sarracena em 1144, fora aprisionado com os cavaleiros templários que viviam na fortaleza de Soure e levado para o castelo de Santarém. A sua hagiografia foi recolhida por Salvado no *Livro Santo* de Santa Cruz de Coimbra e deverá datar de finais do século XII, inícios do XIII<sup>43</sup>.

Está também documentada a veneração dos cavaleiros Templários a Frei Gil de Santarém, um frade dominicano que, antes da conversão vivera uma vida dissoluta e que morrera em aura de santidade (1265), tendo sido beatificado muito mais tarde, já no século XVIII. Segundo os relatos, um certo Frei Lourenço, comendador em Tomar, utilizava o pó do túmulo de Frei Gil para curar doenças graves e exorcizar os possuídos<sup>44</sup>. Assinale-se que os Templários detinham, em Santarém, os direitos da igreja de Santiago e uma comenda, na mesma vila onde era venerado Frei Gil. A narrativa da sua vida foi compilada por João Pedro Xavier do Monte, n’*A Egidea, poema heroico, ou a historia da protentosa vida do grande penitente S. Fr. Gil*, publicada em Lisboa em 1788<sup>45</sup>.

O espírito de Cruzada não promovia apenas a “guerra santa”, mas estimulava também as peregrinações aos lugares santos. Cruzadas e peregrinações são conceitos distintos, não obstante terem a Terra Santa como foco. Os peregrinos deslocavam-se à Terra Santa, ou a outros lugares santos, para cumprir um voto (mesmo estando autorizados a usar espada, desde o século X)<sup>46</sup>. Os Cruzados, por sua vez, combatiam para libertar a Terra Santa do jugo do infiel. Os Hospitalários desempenharam um papel fulcral no Oriente Latino, promovendo a fusão entre cruzados e peregrinos<sup>47</sup>.

Os peregrinos dividiam-se em dois grupos: os peregrinos propriamente ditos, que iam de romaria a um ou mais santuários e depois regressavam, naturalmente, às suas vidas e ocupações; e os *palmeiros* ou *palmeirins* que passavam a vida inteira a caminhar de santuário em santuário, quer por gosto quer por penitência<sup>48</sup>. Lembre-se que, ao longo da Idade Média, era frequente “pagar” a peregrinos para fazerem a viagem em sua vez, as chamadas “esmolas por sua alma”<sup>49</sup>. Segundo Rui de Pina, o rei D. Dinis teria pagado a um cavaleiro para ir à Terra Santa e aí servir durante dois anos na guerra contra o infiel e a um

de Palmela, 2010, p. 81 (pp. 73-90).

<sup>39</sup> PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 84 (pp. 73-90).

<sup>40</sup> PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 85 (pp. 73-90). Sobre a devoção aos santos guerreiros e mártires nas igrejas da Ordem de Cristo nos séculos XV e XVI ver COSTA, Paula Pinto; LENCART, Joana - *Da violência ao culto: santos guerreiros e mártires na espiritualidade devocional da Ordem de Cristo (1462-1536)*. In «*Roda da Fortuna*», nº 8 (1) (2019), p. 391-412. Disponível em <<https://www.revistarodadafortuna.com/2019-1->>.

<sup>41</sup> PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 86 (pp. 73-90).

<sup>42</sup> Cf. PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 87 (pp. 73-90).

<sup>43</sup> GOMES, Saúl António - *Monges e Cavaleiros no Portugal Medieval: os horizontes espirituais*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, pp. 44-45 (pp. 31-50). A vida de São Martinho de Soure está publicada e traduzida em português em: *Vita Martini Sawriensis*. In *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*. Ed. Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 223-249.

<sup>44</sup> VAIRO, Giulia Rossi - *I santi venerati negli Ordini Religioso-Militari: culto e iconografia*. In CARREIRAS, José Albuquerque; AYALA MARTÍNEZ, Carlos de (eds.) - *Cister e as Ordens Militares na Idade Média. Guerra, Igreja e Vida Religiosa*. Tomar, 2015, p. 249 (pp. 227-258).

<sup>45</sup> MENDES, Paula Almeida - *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017, p. 414.

<sup>46</sup> FLORI, Jean - *Croisade*. In BÉRIOU, Nicole; JOSSERAND, Philippe (eds.) - *Prier et Combattre – Dictionnaire Européen des Ordres Militaires au Moyen Âge*. Paris: Fayard, 2009, p. 277 (pp. 276-278).

<sup>47</sup> COSTA, Paula Pinto - *Peregrinação e Cruzada no contexto da articulação Ocidente/Oriente (séculos XI/XIII)*. In SOUZA, Arménia Maria de; NASCIMENTO, Renata Cristina de Souza (org.) - *Cultura Política e Poder na Idade Média: Estudo em Homenagem ao Dr. José António de Camargo Rodrigues de Souza*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018, p. 163 (pp. 157-179).

<sup>48</sup> MARTINS, Mário - *Peregrinos e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Brotéria, 1957, p. 125.

<sup>49</sup> MARTINS, Mário - *Peregrinos e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Brotéria, 1957, p. 127.

“homem de boa vida” para estar em Roma duas quarentenas<sup>50</sup>.

A designação *palmeiro* tornou-se uma referência sobretudo para o peregrino da Terra Santa por trazer de lá uma palma, da mesma forma que o peregrino de Compostela trazia uma concha<sup>51</sup>. O conceito terá, naturalmente, evoluído visto existirem em Lisboa e no Porto, e outros lugares do reino durante a época medieval, hospitais de *palmeiros*, onde se recolhiam peregrinos que não eram unicamente romeiros da Palestina<sup>52</sup>. Originalmente, *romeiros* eram os que iam ou vinham de Roma, mas também se chamava romeiros aos peregrinos de Jerusalém e Terra Santa e aos de Compostela<sup>53</sup>. A crónica de fundação do mosteiro de S. Vicente (Lisboa) relata que o cavaleiro Henrique trouxe uma palma de Jerusalém e que foi colocada no seu sepulcro<sup>54</sup>.

A primeira das *Chronicas breves e memorias avulsas de S. Cruz de Coimbra* refere-se a uma D. Sancha, que seria filha dos condes D. Raimundo e D. Urraca, que nunca quis casar e que foi a Jerusalém em romaria e

*Estando ella em o hospital do Templo servindo a Deus, albergando os pobres e servindo os com caridade, o Senhor lhe quiz fazer tam alta mercee que lhe deu fogo novo em a sua lampara em dia do Spiritu Sancto alumuada pellas mãos dos angos [sic]. Esto nom he apocrifo mas cousa muy verdadeyra<sup>55</sup>.*

Seria este “hospital do Templo” de Jerusalém a sede dos Templários na Terra Santa? A dar crédito ao registo, qual teria sido a função de D. Sancha neste “hospital”? Apenas peregrina ou “freira” dando assistência aos peregrinos? Mário Martins adianta que D. Sancha morreu em 1157 “depois de muito ter peregrinado por S. Tiago de Compostela, Roma e Jerusalém”<sup>56</sup>. Opinião

diferente tem H. Salvador-Martínez, segundo o qual essa D. Sancha vivera sempre junto de seu irmão Afonso VII de Leão e Castela, no palácio real junto da Colegiada de Santo Isidoro, sendo seu grande auxílio na governação do reino e detendo “poderes absolutos” para intervir nos conflitos mais delicados<sup>57</sup>. A única referência a Ordens Militares na sua vida é aos Hospitalários. Em 1140 doou à Ordem do Hospital o mosteiro de Santa Maria de Wamba com todos seus territórios, vilas, igrejas, herdades e pertenças; em 1148 doou à mesma Ordem a igreja de Santa Maria de Olmedo e, mais tarde, outras em San Juan de Arena<sup>58</sup>. Segundo o mesmo autor, morreu em 1158, poucos meses após o seu irmão imperador<sup>59</sup>. Por sua vez, José Mattoso, citando Miguel Calleja-Puerta, sugere que D. Sancha era filha de Afonso VI e que, em Jerusalém se dedicara ao serviço dos peregrinos acolhidos no Hospital<sup>60</sup>. No entanto, a filha de Afonso VI chamada Sancha (que nascera no início do século XII), casara cerca de 1120 com Rodrigo Gonzalez de Lara, tendo morrido pouco depois. Por sua vez, Luttrell e Nicholson, num texto sobre *Hospitaller Women in the Middle Ages*, afirmam que a infanta Sancha era filha de Jaime I de Aragão, a qual servira anonimamente no Hospital de Acre e morrera na Terra Santa cerca de 1275<sup>61</sup>.

D. Gualdim Pais, Mestre Templário, também esteve na Palestina participando na defesa dos lugares santos. Antes de se tornar mestre, D. Gualdim esteve durante cinco anos na Palestina, tendo estado presente na tomada de Ascalona (1153) e na defesa de Antioquia<sup>62</sup>. No nosso território destacou-se em numerosas empresas militares, nomeadamente na edificação de castelos e na defesa de Tomar do ataque almóada, em julho de 1190<sup>63</sup>.

Acrescente-se que muitos dos pretensos milagres atribuídos a freires e a

<sup>50</sup> SALVADOR MARTÍNEZ, H. – *La Infanta Doña Sancha Raimúndez y la conjura de Grajal*. «Argutorio», año 21, nº 41 (2019), pp. 9-10 (pp. 4-14).

<sup>51</sup> SALVADOR MARTÍNEZ, H. – *La Infanta Doña Sancha Raimúndez y la conjura de Grajal*. «Argutorio», año 21, nº 41 (2019), p. 11 (pp. 4-14).

<sup>52</sup> SALVADOR MARTÍNEZ, H. – *La Infanta Doña Sancha Raimúndez y la conjura de Grajal*. «Argutorio», año 21, nº 41 (2019), p. 11 (pp. 4-14).

<sup>53</sup> MATTOSO, José - *D. Afonso Henriques*. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2006, p. 64.

<sup>54</sup> LUTTRELL, Anthony; NICHOLSON, Helen – *Introduction: a Survey of Hospitaller Women in the Middle Ages*, in LUTTRELL, Anthony; NICHOLSON, Helen (eds.) - *Hospitaller Women in the Middle Ages*. London: Routledge, 2017, p. 7 (pp. 1-42).

<sup>55</sup> BARROCA, Mário Jorge – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. 1, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia/ Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000, p. 526.

<sup>56</sup> Sobre a figura do Mestre Templário D. Gualdim Pais ver BARROCA, Mário – *Gualdim Pais*. In BÉRIOU, Nicole; JOSSERAND, Philippe (eds.) - *Prier et Combattre – Dictionnaire Européen des Ordres Militaires au Moyen Âge*. Paris: Fayard, 2009, p. 404; e GOMES, Saul António – *D. Gualdim Pais (c.1118/20-1195)*. «População e Sociedade», vol. 23 (2015), p. 11-23.

<sup>50</sup>Cf. MARTINS, Mário - *Peregrinos e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Brotéria, 1957, pp. 138-139.

<sup>51</sup> MARTINS, Mário - *Peregrinos e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Brotéria, 1957, p. 125.

<sup>52</sup> MARTINS, Mário - *Peregrinos e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Brotéria, 1957, p. 126.

<sup>53</sup> MARTINS, Mário - *Peregrinos e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Brotéria, 1957, p. 127.

<sup>54</sup> Cf. MARTINS, Mário - *Peregrinos e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Brotéria, 1957, p. 126.

<sup>55</sup> *Portugaliae Monumenta Historica a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum iussu Academiae Scientiarum Olisiponensis edita. Scriptores*, Tomo I. Lisboa: Tipografia Academia das Ciências, 1856, p. 25.

<sup>56</sup> MARTINS, Mário - *Peregrinos e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Brotéria, 1957, p. 132.

biografados não resistiram ao exame canónico<sup>64</sup>, sendo por isso excluídos dos santorais e calendários litúrgicos.

## 2.1. Freires santos e mártires venerados entre as Ordens Militares

No que diz respeito aos freires santos e mártires das Ordens Militares são praticamente inexistentes os estudos sobre o assunto. Para Portugal, a única exceção é o trabalho de António Pestana de Vasconcelos, intitulado “Os Santos das Ordens Militares no *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso”<sup>65</sup>. Esta constatação parece ser uma consequência da escassez de fontes que permitam proceder a um estudo aprofundado e sistemático.

Neste sentido, o ponto de partida deste trabalho a que agora nos propomos, sobre freires e mártires venerados entre as Ordens Militares, será o *Agiologio Lusitano* começado por Jorge Cardoso (1652-1666)<sup>66</sup> e continuado por D. António Caetano de Sousa (1744)<sup>67</sup>. Nas palavras de Maria de Lurdes Correia Fernandes, esta obra assemelha-se a uma espécie de “história da santidade em Portugal” cuja intenção era evitar o esquecimento de tantos aí memorados<sup>68</sup>. Maria de Lurdes Fernandes procedeu a um estudo da obra do *Agiologio Lusitano*, publicando importantes índices remissivos<sup>69</sup>.

No *Agiologio Lusitano* o autor quis perpetuar as vidas dos santos canonizados, dos beatificados, dos veneráveis, os de invulgares virtudes e dos demais indivíduos que deram a vida no combate pela fé de Cristo<sup>70</sup>. As dificuldades que o autor encontrou foram muitas pois nem sempre era possível identificar tudo

aquilo a que se propunha, como a naturalidade de cada um deles, os lugares onde viveram, as instituições a que pertenceram e os cargos que ocuparam, a sua filiação, o lugar, o tempo e as circunstâncias da sua morte<sup>71</sup>.

De modo a serem incluídos no rol dos “santos”, os indivíduos teriam que prestar provas de santidade, como milagres e visões. No entanto, e de forma a poderem ser considerados entre os de invulgar virtude, o autor recorreu à sua vivência espiritual e temporal, permitindo assim dilatar o número de “santos”, beatos, veneráveis e virtuosos. É invocado o fervor da oração, as mortificações, os jejuns, os exercícios espirituais e piedosos, a devoção aos ofícios divinos, o martírios e as privações a que se sujeitavam<sup>72</sup>. Ao exaltar esses “santos” promovia-se a devoção dos fiéis e estimulava-se a fé dos devotos<sup>73</sup>.

Num primeiro momento, numa cronologia medieval, os “santos” das Ordens Militares (e usaremos essa designação genérica) são associados à guerra ao infiel, tanto na Terra Santa como na Península Ibérica em contexto de Reconquista, e ainda à guerra no norte de África. Entre os freires cavaleiros das Ordens Militares, a guerra por eles praticada assumia uma dimensão sagrada, e convertia num martírio a morte ocorrida em campo de batalha<sup>74</sup>. Posteriormente, no século XVI, as vivências “santas” destes indivíduos estão particularmente associadas às suas práticas espirituais. A Ordem de Cristo é um exemplo paradigmático, sobretudo, após a reforma levada a cabo por Frei António de Lisboa, após 1529, que converteu os freires em conventuais<sup>75</sup>.

Na tabela seguinte estão sistematizados os principais santos, beatos, veneráveis e virtuosos das Ordens Militares portuguesas, entre os séculos XII e XVII.

<sup>64</sup> MARQUES, José - *Os santos dos caminhos portugueses*. «Revista da Faculdade de Letras - História», III série, vol. 7 (2006), p. 248 (pp. 243-262).

<sup>65</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 69-80.

<sup>66</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo I, Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652. CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II, Lisboa, Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657. CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III, Lisboa, Officina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666.

<sup>67</sup> SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744.

<sup>68</sup> Cf. MENDES, Paula Almeida - *Milícia e 'Santidade' no agiologio lusitano dos santos, e varoens illustres em virtude do reino de portugal e suas conquistas (1652, 1657, 1666, 1744) de Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 20 (2013), p. 98 (pp. 91-119).

<sup>69</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Agiologio Lusitano. Estudo e Índices*. Tomo V. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2002.

<sup>70</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 69 (pp. 69-80).

<sup>71</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 69 (pp. 69-80).

<sup>72</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 71 (pp. 69-80).

<sup>73</sup> MARQUES, José - *Os santos dos caminhos portugueses*. «Revista da Faculdade de Letras - História», III série, vol. 7 (2006), p. 248 (pp. 243-262).

<sup>74</sup> OLIVEIRA, Luís Filipe - *Para o estudo da religiosidade dos freires: as fontes e alguns problemas*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 23 (pp. 23-30).

<sup>75</sup> Sobre a reforma de Frei António de Lisboa no convento de Tomar ver SANTOS, Cândido dos - *Os Jerónimos em Portugal: das origens aos fins do século XVII*. 2ª ed. Porto: JNICT, 1996.

Ordem do Hospital/ Ordem de Malta	Ordem de Cristo	Ordem de Avis	Ordem de Santiago
D. Afonso de Portugal, Grão Mestre (†1207)	Fr. Adão Dinis, freire e sacerdote (†1548)	D. Gonçalo Viegas, Mestre (†1195)	Mártires de Tavira (†1242)
D. Garcia Martins (†1306)	Padre Cosme (†1550)	D. Fernando Eanes, Mestre (†1227)	D. Paio Peres Correia, mestre geral (†1275)
Jerónimo Pessoa, cavaleiro (†1565)	Fr. António de Lisboa (†1551)	D. Egas Martins, Mestre (†1364)	Diogo de Gouveia o Moço, prior-mor de Palmela (†1576)
Francisco de Brito, cavaleiro (†1565)	Fr. Matias de Azevedo (†1578)	Infante D. Fernando, Mestre (†1443)	D. Ana de Lencastre, comendadeira (†1623)
	Fr. Tomé de Brito (†1578)		
	Fr. Diogo Peregrino (†1590)		
	Fr. Duarte de Araújo (†1599)		
	D. Leonardo de Sá, freire professo, bispo da China (†1599)		
	Fr. Martinho de Ulhoa, bispo de S. Tomé (†1606)		
	Fr. Aleixo Cotrim (†1648)		
	Fr. Manuel da Assunção, prior (†1651)		
	Fr. António de Lencastre (†1660)		

Tabela 1 - Santos, beatos, veneráveis e virtuosos das Ordens Militares portuguesas entre os séculos XII e XVII<sup>76</sup>.

Tendo em conta a informação registada na tabela, procuraremos compreender de que modo a vivência destes indivíduos concorreu para que figurassem entre os “santos” das Ordens Militares portuguesas.

Comecemos pela Ordem do Hospital. Os Hospitalários foram a primeira milícia a instalar-se no território Portucalense nos inícios do século XII, fundando um convento em Leça do Bailio. Em 1340, a milícia transferiu a sua sede para o convento do Crato, no Alentejo. Após a instalação da sede internacional da Ordem na ilha de Malta, em 1530, a Ordem adotou esta última designação.

D. Afonso de Portugal, grão mestre da Ordem do Hospital, era filho ilegítimo de D. Afonso Henriques e de D. Châmoa Gomes. Segundo o *Agiologio Lusitano*, esteve presente na conquista da Terra Santa (1204) onde se teria destacado pelo seu esforço e valentia, tendo morrido a 1 de março de 1207; não lhe estão atribuídos quaisquer milagres ou visões<sup>77</sup>. O aniversário da sua morte era comemorado a 1 de março na igreja de S. João de Alporão, em Santarém, estando sepultado à esquerda do altar-mor; esta igreja estava anexa à comenda de Pontével, uma das principais da Ordem de Malta, segundo o autor do *Agiologio*<sup>78</sup>. De D. Afonso, afirma Jorge Cardoso: “Era este famoso heroe de grande coração & magnimidade nas militares empresas & de tam preclaros costumes, & religiosas acções”<sup>79</sup>.

D. Afonso de Portugal, também chamado Fernando Afonso, terá nascido cerca de 1140, surgindo na Corte em 1159; após 1169 teria sido nomeado alferes-mor, cargo que ocupou durante três anos; segundo Cláudio Neto, depois de uma estadia em Leão terá ingressado na Ordem do Templo e posteriormente transferido para a Ordem de S. João do Hospital<sup>80</sup>. Esta última informação não

119; PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 73-90; VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 69-80; SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744; CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo I, Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652; CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II, Lisboa, Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657; CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III, Lisboa, Officina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666.

<sup>77</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*.

«Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 73 (pp. 69-80).

<sup>78</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II, Lisboa, Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657, pp. 6, 15.

<sup>79</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II, Lisboa, Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657, p. 6.

<sup>80</sup> NETO, Cláudio - *E mataram-no os freires d'uclés em Evora: a memória das ordens militares através do Livro Velho*

<sup>76</sup> Fontes: MENDES, Paula Almeida - “Milícia e ‘Santidade’ no agiologio lusitano dos santos, e varoens illustres em virtude do reino de portugal e suas conquistas (1652, 1657, 1666, 1744) de Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa”. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 20 (2013), p. 91-

parece plausível, pois a Ordem do Templo não autorizava os seus freires a saírem para outras Ordens, pelo que D. Afonso terá ingressado logo nos Hospitalários. Alcançou o cargo de Grão-Mestre da Hispânia, em 1198, e o de Grão-Mestre dos Hospitalários em 1202, tendo participado na quarta Cruzada. Na sequência de um conflito interno terá abandonado o grão-mestrado e regressado a Portugal em 1206, morrendo no ano seguinte, envenenado em Évora por membros da Ordem de Santiago, segundo o *Livro Velho de Linhagens*<sup>81</sup>.

Entre os Hospitalários venerados, refira-se o beato D. Garcia Martins (m. 1306), que «por suas heroicas proesas na guerra, & virtudes na paz», foi nomeado «Bailio, & grão Commendador, não sômente em Portugal, mas em outros quatro Reinos de Hespanha»<sup>82</sup>. Foi sepultado em Leça do Bailio na igreja do convento e, à semelhança de outros varões falecidos em odor de santidade, também o seu «sancto corpo [...] foi por largo tempo, com grande frequência, & deuoção vesitado, & venerado dos fieis», sendo-lhe atribuídos inúmeros milagres<sup>83</sup>.

Jerónimo Pessoa e Francisco de Brito eram cavaleiros da Ordem de Malta e morreram a 23 de junho de 1565. Destacaram-se no combate aos infiéis, particularmente no cerco a Malta e no assalto à fortaleza de S. Telmo, em 1565, figurando entre os mártires da milícia e memorados no *Agiologio* a 23 de junho<sup>84</sup>. Após a sua morte os seus corpos foram alvo de grande martírio, conforme referido no *Agiologio*<sup>85</sup>. Segundo Jorge Cardoso, destacaram-se

*em diversos encontros que tiverão com os Ismaelitas [...] principalmente na tomada de Villa de Castel-torres, em a costa de Barbaria, & no sitio da fortaleza de San Telmo, em Malta, quando foi combatida por Solimão,*

de *Linhagens*. In CRESSIER, Patrice; SALVATIERRA CUENCA, Vicente (eds.) - *Las Navas de Tolosa 1212-2012*. Jaén, 2014, pp. 257-258 (pp. 255-264).

<sup>81</sup> NETO, Cláudio - *E mataram-no os freires d'uclés em Evora: a memória das ordens militares através do Livro Velho de Linhagens*. In CRESSIER, Patrice; SALVATIERRA CUENCA, Vicente (eds.) - *Las Navas de Tolosa 1212-2012*. Jaén, 2014, p. 258 (pp. 255-264).

<sup>82</sup> Cf. MENDES, Paula Almeida - *Milícia e 'Santidade' no agiologio lusitano dos santos, e varoens illustres em virtude do reino de portugal e suas conquistas (1652, 1657, 1666, 1744) de Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 20 (2013), p. 109 (pp. 91-119).

<sup>83</sup> MENDES, Paula Almeida - *Milícia e 'Santidade' no agiologio lusitano dos santos, e varoens illustres em virtude do reino de portugal e suas conquistas (1652, 1657, 1666, 1744) de Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 20 (2013), p. 109 (pp. 91-119).

<sup>84</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666, p. 798.

<sup>85</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 74 (pp. 69-80).

*emperador dos Turcos [...] morrendo na peleja com as espadas nas mãos pela exaltação da Fé & nome de Christo*<sup>86</sup>.

A Ordem do Templo foi fundada na Palestina, cerca de 1118-1119, promovendo a defesa dos lugares santos e a proteção dos peregrinos. O reconhecimento formal da nova instituição religioso-militar ocorreu no Concílio de Troyes, em 1128, mas já antes o seu Mestre, Hugo de Payens, percorreria o Ocidente europeu divulgando a Ordem e procurando vocações e donativos para prosseguir a defesa da Terra Santa, fomentando a articulação entre o Ocidente e o Oriente latino.

Os cavaleiros da Ordem do Templo terão iniciado a sua incursão no Condado Portucalense em meados da década de 20 do século XII, sendo certa a sua instalação em Soure após a concessão deste território à milícia templária, pela Condessa D. Teresa em 1128. Não se conhecem freires santos, beatos, venerados ou virtuosos entre os Templários portugueses. O mesmo se pode dizer para os restantes freires Templários, tanto em território europeu como os do Oriente latino. Segundo Tom Licence, não há provas que algum Templário tenha alcançado póstuma veneração<sup>87</sup>. O motivo estará com certeza não apenas na destruição de provas, mas também porque os eventuais cultos terão desaparecido na sequência da dissolução e queda em desgraça dos Templários. Licence vai ainda mais longe, ao sugerir que os Templários não possuíam nenhuma coordenação devocional nem indivíduos qualificados que pudessem promover a santidade Templária através de narrativas hagiográficas<sup>88</sup>. Não obstante, afirma que durante o processo de supressão da Ordem do Templo, apareceu uma relíquia da cabeça de Hugo de Payens, representando a única referência ao culto devotado ao primeiro mestre Templário<sup>89</sup>.

Em Portugal, após a supressão da Ordem do Templo em 1312, o seu património foi integrado na Ordem de Cristo, criada em 1319 por intervenção de D. Dinis junto da cúria pontifícia. A Ordem de Cristo, primeiro por intermédio do infante D. Henrique, seu governador entre 1420 e 1460, ficou associada aos Descobrimentos portugueses e à exaltação da fé de Cristo, projetando os ideais

<sup>86</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos santos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: Oficina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666, p. 793.

<sup>87</sup> LICENCE, Tom - *The Templars and the Hospitallers, Christ and the Saints*. In «Crusades», vol. 4 (2005). Routledge, p. 53 (pp. 39-58).

<sup>88</sup> LICENCE, Tom - *The Templars and the Hospitallers, Christ and the Saints*. In «Crusades», vol. 4 (2005). Routledge, p. 53 (pp. 39-58).

<sup>89</sup> LICENCE, Tom - *The Templars and the Hospitallers, Christ and the Saints*. In «Crusades», vol. 4 (2005). Routledge, p. 53 (pp. 39-58).

de Cruzada, primeiro em África e mais tarde na Ásia.

O Padre Cosme recebeu o hábito da Ordem de Cristo em 1530, tornando-se professo dois anos mais tarde e fazendo parte do grupo de doze religiosos com que Frei António de Lisboa iniciou a reforma conventual da Ordem de Cristo. Conta o *Agiologio* que, quando caiu de cama doente, no seu lençol ficara gravada a sua figura numa analogia com o Sudário do próprio Cristo, tendo-se convertido em relíquia de grande veneração, e tendo morrido em março de 1550<sup>90</sup>. “Era varão de eximia simplicidade, candidez de animo, pureza angelica, modestia exemplar & rara compustura de olhos, com outras heroicas virtudes”<sup>91</sup>. Foi sepultado no “comum cemiterio de Thomar” e a sua festa era celebrada a 21 de março no convento de Tomar<sup>92</sup>.

Frei Adão Dinis, sacerdote da Ordem de Cristo morreu a 4 de janeiro de 1548. Conta Jorge Cardoso, que o dito freire, como expiação do seu pecado venial enquanto sacerdote, decidiu recolher-se a uma cova depois de repartir os seus bens por obras pias; porém por intervenção de Frei Amador Arrais, mais tarde nomeado bispo de Portalegre (1581), foi para a ermida de Nossa Senhora de Vila Velha e, sempre que regressava à cidade, levava lenha para aquecimento dos pobres e doentes do hospital; entre as suas ações espirituais destacavam-se as mortificações, o jejum e as contínuas orações<sup>93</sup>, ficando por tal memorado entre os “santos” da Ordem de Cristo.

Também Frei António de Lisboa é referenciado por Jorge Cardoso no *Agiologio* enquanto freire jerónimo e prior mor da Ordem de Cristo, tendo morrido em junho de 1551. As suas ações destacaram-se a nível temporal, enquanto reformador da Ordem de Cristo e do convento de Alcobaça, por ordem de D. João III; enquanto inquisidor de Tomar presidiu a um auto de fé em 1544<sup>94</sup>. O *Agiologio*, que memora o dito prior a 21 de junho, reporta-se a Frei António como “monge de conhecida prudencia, reformada vida & assinalada virtude”<sup>95</sup>.

<sup>90</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), pp. 71, 79 (pp. 69-80).

<sup>91</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II. Lisboa: Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657, p. 254.

<sup>92</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II. Lisboa: Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657, pp. 254 e 261.

<sup>93</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 78 (pp. 69-80).

<sup>94</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 80 (pp. 69-80).

<sup>95</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: Officina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666, p. 768.

Frei Duarte de Araújo foi prior mor da Ordem de Cristo já durante o período de observância regular, tendo estado em Roma a tratar de assuntos da Ordem, por ordem de Filipe II de Espanha; apesar de figurar no *Agiologio*, o seu autor não lhe atribui qualquer especial ação espiritual, milagre ou visão; morreu em abril de 1599<sup>96</sup>. A sua memória era comemorada no convento de Tomar a 17 de abril e, segundo Jorge Cardoso, fora o 13º prior mor do convento de Tomar “cujo triennio administrou com singular exemplo, prudencia & mansidão, esmaltando estas virtudes com suas muitas letras”<sup>97</sup>.

D. Leonardo de Sá fora freire professo da Ordem de Cristo e sagrado segundo bispo da China em 1577. Na narrativa do *Agiologio*, ao regressar do Concílio de 1585, a sua nau naufragou tendo ficado prisioneiro na costa de Achém; durante o cativeiro animava os companheiros para que permanecessem firmes na fé de Cristo; morreu a 13 de março de 1599<sup>98</sup>. O seu aniversário era celebrado a 13 de março na catedral de Macau “na qual procedeo sempre com reformativo exemplo & e não menos virtude, acompanhada de boas letras & pulpito”<sup>99</sup>.

D. António Caetano de Sousa foi o continuador da obra de Jorge Cardoso na redação do *Agiologio Lusitano*. Relata que, na “chorada Batalha de Alcacer” de África morreram Frei Matias de Azevedo e Frei Tomé de Brito, ambos freires da Ordem de Cristo, e memorados a 4 de agosto:

*como valerosos soldados da milicia do Senhor, exortando aos catholicos, confessando os moribundos, e confundindo os infieis, que os vião, sem temor da morte animavão aos christãos, até que atravessados nas barbaras lanças, subirão as suas almas ao premio eterno*<sup>100</sup>.

Entre o espólio artístico da Biblioteca Nacional encontra-se uma pintura – um óleo sobre tela – cuja proveniência, pensa-se, terá vindo de um convento após a extinção das ordens religiosas (1834) e que integra o património da biblioteca desde 1854. Nesse quadro, atribuído ao século XVIII, está representado Frei Diogo Peregrino, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e fidalgo da Casa Real,

<sup>96</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 79 (pp. 69-80).

<sup>97</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II. Lisboa: Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657, p. 617.

<sup>98</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 78 (pp. 69-80).

<sup>99</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II. Lisboa: Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657, p. 159.

<sup>100</sup> SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744, p. 422.

com o hábito de franciscano. Segundo uma legenda aposta na margem inferior da tela, Frei Diogo Peregrino “viveo no jejum e penitencia que a todos admirava, e por sua intercessão Deos obrava muitos prodigios, e milagres. Faleceu em 1590”<sup>101</sup>.

D. Frei Martinho de Ulhoa “já homem avançado na idade tomou o habito [da Ordem de Cristo] no anno de 1550” e foi nomeado bispo de S. Tomé em março de 1577, tendo morrido a 8 de agosto de 1606, como se pode ler no seu epitáfio no Convento da Luz<sup>102</sup>. Durante o seu ministério enquanto bispo de S. Tomé é-lhe atribuído o milagre da “excomunhão das árvores”:

*cheyo de zelo, à vista de muito povo, excommungou humas arvores, e copadas de ramos, que na presença de todos ficarão seccas, e como crestadas da geada [...] e para mais os convencer, usando da cerimonia da Igreja, as absolueo da excomunhão, e logo tornando ao que erão dantes, reverdescerão*<sup>103</sup>.

Frei Aleixo Cotrim professou na Ordem de Cristo em 1613, logo exercitando-se em mortificações e virtudes, sem abandonar os estudos e “deitou muitos bons discipulos tanto nas humanas letras como na virtude”<sup>104</sup>. É memorado no *Agiologio* dia 10 de julho, tendo morrido em 1648 com 60 anos de idade<sup>105</sup>.

Frei Manuel da Assunção, memorado a 3 de julho, fora prior geral do convento de Tomar e morreu em 1651. Destacou-se pela admirável caridade com que distribuía esmolas e por tal ficou memorado:

*por esta singular compaixão do proximo lhe foy retribuida como premio da sua fé, vendo se multiplicado no celleiro o pão, como observou com admiração a pessoa que o distribuia. Neste tempo foy chamado do eterno remunerador*<sup>106</sup>.

Em 1660 morreu Frei António de Lencastre no Colégio de Coimbra da Ordem de Cristo e memorado no *Agiologio* a 7 de agosto. Era filho de D.

António Luís de Lencastre, comendador-mor de Avis, e fora prior do convento. Apesar da sua vida breve deixou “muitos creditos de virtuoso [...] entre os seus religiosos”<sup>107</sup>, ficando memorado pelas suas virtudes.

A Ordem de Avis, inicialmente designada Milícia dos Freires de Évora, terá sido fundada cerca de 1175-1176, na dita cidade, instalando-se na vila de Avis após 1215.

D. Gonçalo Viegas foi o primeiro Mestre da milícia de Avis e perdeu a vida na batalha de Alarcos, a 18 de julho de 1195. Ficou memorado como mártir. Apesar de D. Gonçalo Viegas não ter título de santo,

*o livro antigo dos obitos de S. Vicente extra muros de Lisboa o nomea por Martyr em dous lugares. O primeiro: 15 kal. Aug. Commemoratio Gonçalvi Egea Mag. Fratrum d'Elbora & eorum qui cum eo mortui sunt pro Domino, o segundo: 10 kal. eiusdem mensis, obiit Gonçalvus Egea & ommen eorum qui cum eo passi sunt. Dando a entender que morreo este glorioso Mestre com seus cavalleiros pelejando contra os Mouros, pela exaltação da Fee*<sup>108</sup>.

Sucedeu-lhe no mestrado de Avis D. Fernando Eanes. Memorado no *Agiologio Lusitano* no dia 12 de agosto, pela sua heroicidade, abandonou a milícia de Évora e entrou no eremitério da Serra de Ossa:

*Achou-se nas empresas mais arriscadas com tanta resolução, que a passos largos caminhava à heroicidade [...] levado de superior impulso deixou o nobre cavalleiro a milicia da terra para combater em vida solitaria o Ceo, como caminho mais seguro de salvação*<sup>109</sup>. E conclui “aos seus esclarecidos troféos [...] soube unir virtude solida em que perseverou até morte, pelo que piamente cremos mereceo gozar da eterna bemaventurança”<sup>110</sup>.

D. Egas Martins foi eleito Mestre da milícia de Avis cerca de 1355, tendo permanecido à frente dos destinos da Ordem durante nove anos. Apesar de o incluir no *Agiologio*, Jorge Cardoso não lhe atribui qualquer ação temporal ou espiritual, nem visões ou milagres<sup>111</sup>. No referido *Agiologio*, a memória de

<sup>101</sup> Biblioteca Nacional Digital (BND) 22978 - *Frei Diogo Peregrino. Retrato*. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em <<https://purl.pt/22978>>.

<sup>102</sup> SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744, pp. 474 e 482.

<sup>103</sup> SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744, p. 475.

<sup>104</sup> SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744, p. 122.

<sup>105</sup> SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744, p. 122.

<sup>106</sup> SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744, p. 37.

<sup>107</sup> SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744, p. 472.

<sup>108</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: Officina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666, p. 764.

<sup>109</sup> SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744, pp.521-522.

<sup>110</sup> SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744, p. 523.

<sup>111</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*.

D. Egas Martins é lembrada a 20 de junho e diz-nos o autor que sucedeu no mestrado de Avis a João Afonso pelos anos de 1355 tendo governado nove anos

*com grande acerto, & prudencia singular. A quem os historiographos estrangeiros fazem martyr & sancto. A causa do certame & circumstancias delle, com os progressos de sua religiosa vida nos escondo o tempo*<sup>112</sup>.

Jorge Cardoso acrescenta que terá morrido cerca de 1364 e que a sua memória era registada num catálogo de santos do reino sob a designação “D. Egas, Mestre de Avis, foi Martyr & Sancto”<sup>113</sup>. Frei Jerónimo Román, na sua História da Ordem de Avis, aponta uma informação muito lacunar para o mestre D. Egas Martins: apenas que lhe sucedeu D. Martinho do Avelar<sup>114</sup>.

O infante D. Fernando, um dos infantes da Ínclita Geração, fora nomeado administrador da Ordem de Avis por seu irmão, o rei D. Duarte, em 1434. Após o desastre de Tânger (1437), acabou por morrer no cativeiro em Fez, a 5 de junho de 1443<sup>115</sup>, enquanto mártir. O autor do *Agiologio Lusitano* memora, assim, a vida virtuosa deste infante a 5 de junho e o relato que transmite da sua vida parece decalcado da biografia redigida por Frei João Álvares, secretário e biógrafo do dito infante<sup>116</sup>, como veremos mais à frente.

O autor do *Agiologio* destaca as esmolas que o infante D. Fernando distribuía aos pobres e a conventos, os jejuns, as orações e as privações que padecia no cativeiro, atribuindo-lhe ainda a relato da seguinte visão:

*quando abrindo os olhos vi huma luz extraordinaria, e no meio della a huma Senhora assentada sobre hum throno de gloria, com tal magestade e fermosura, que me pareceo ser a Rainha dos Anjos cercada de copioso numero de bem aventurados [...] trazia na mão um calice e hum livro*

«Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 77 (pp. 69-80).

<sup>112</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: Officina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666, p. 752.

<sup>113</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: Officina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666, p. 764.

<sup>114</sup> ROMÁN, Jerónimo - *História das Ínclitas Cavalarias de Cristo, Santiago e Avis*. In COSTA, Paula Pinto (ed.) - *História das Ínclitas Cavalarias de Cristo, Santiago e Avis, por Fr. Jerónimo Román*. Luís Adão da Fonseca (coord.) - *Militarium Ordinum Analecta*. Vol. 10. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida/ CEPESE, 2008, p. 249. Disponível em <<http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/militarium-ordinum-analecta-n.o-11-1>>.

<sup>115</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*.

«Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 76 (pp. 69-80).

<sup>116</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: Officina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666, pp. 543-550.

*aberto no qual divizei escrito com letras de ouro In principio erat Verbum [...]. A Senhora pondo então os olhos de sua benignidade neste grande peccador, e indigno servo seu disse: Hoje virás para esta companhia e reinarás com meu Unigenito Filho na gloria. E com isto desapareceu a visão*<sup>117</sup>.

A Ordem de Santiago, com origem no território leonês por volta de 1164, constituiu-se com a intenção de combater os muçulmanos, expandindo-se rapidamente para o Condado Portucalese onde, cerca de 1172/1173, recebe as primeiras doações patrimoniais.

Quanto aos freires venerados na Ordem de Santiago, o *Agiologio Lusitano* começa por registar a memória do Mestre D. Paio Peres Correia (m. 1275), no dia 10 de fevereiro, cuja festa se celebrava na igreja de Santa Maria de Tudia, no reino de Leão. O dito Mestre destacou-se na tomada de várias praças junto de D. Sancho II, enquanto comendador-mor da Ordem de Santiago e, em 1242, fora eleito Mestre de Santiago em toda a Hispânia; ao lado do rei Fernando III de Leão e Castela ajudou a conquistar inúmeros territórios na Andaluzia, em particular Sevilha. Na tomada de Llerena, conta o *Agiologio*:

*pelleijando se muitas horas, sem conhecida ventagem, como o sol se fosse pondo no Occidente, vendo o sancto Mestre que lhe faltava o dia para conseguir a victoria (cheio de celestial confiança) pedio a Deos, por intercessão da Rainha dos Anjos (naquelle seu dia) mandasse parar o lucido planeta para alcançar daquelles infieis perfeita victoria, rompendo por vezes nestas palavras: S. Maria detem teu dia. E precedendo apparecimento da Senhora, parou o sol o curso em seo emisferio miraculosamente por espaço consideravel, obedecendo a sua voz (como antigamente à de Iosue) até que o valeroso e sancto Mestre conseguiu a victoria*<sup>118</sup>.

E atribui-lhe outro milagre nesse mesmo dia:

*E na mesma ocasião, estando o exercito falto de agua, postos os olhos no ceo, bateo (como outro Moyses) o conto da lança numa pedra & brotou*

<sup>117</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: Officina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666, p. 550.

<sup>118</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo I. Lisboa: Officina Craesbeckiana, 1652, p. 394.

*logo della tanta abundancia de agoa, que o exercito sequioso se satisfez*<sup>119</sup>.

D. Paio Peres Correia destacou-se ainda na conquista do Algarve e está associado ao culto aos mártires de Tavira, nomeadamente, seis cavaleiros santiaguistas e um mercador cristão. Na igreja de Santa Maria dos Mártires, ou do Castelo, em Tavira, acha-se um culto muito particular aos Sete Cavaleiros de Tavira, em memória dos espatários e do mercador que morreram na conquista da vila por D. Paio Peres Correia, em 1242. No texto da crónica da conquista do Algarve pode ler-se que os seus “corpos forão depois tidos em grande relíquia e reverencia e devação como a mártires que expargiram seu sangue por honra da fé de Jesus Cristo”<sup>120</sup>. Trata-se de um exemplo de freires que, apesar de nunca terem sido alvo de um processo de canonização, são objeto de devoção popular. A visitação da Ordem a esta região algarvia, em 1518, dá-nos conta de uma procissão anual em honra dos ditos cavaleiros no dia 11 de junho, aniversário da conquista de Tavira e dia de S. Barnabé, determinando a reparação do seu túmulo para que se não perca “tal memoria e o povoo tem mui grande devoção nelles”<sup>121</sup>.

No dia 2 de abril, o autor do *Agiologio* regista a celebração no convento de Palmela, cabeça da Ordem de Santiago, da “pia memoria” de Diogo de Gouveia o Moço, prior-mor do dito convento, visitador da Ordem, redator de estatutos e que deixou “fama de homem sancto”<sup>122</sup>. Segundo o seu epitáfio, morreu no convento de Palmela a 2 de abril de 1576<sup>123</sup>. Durante o seu priorado realizaram-se várias visitas às igrejas e comendas da Ordem de Santiago, nomeadamente entre os anos de 1570 e 1572, com o intuito de se conhecer não só o estado do património, mas também o bom cumprimento da normativa da instituição<sup>124</sup>.

D. Ana de Lencastre, comendadeira de Santos-o-Novo, filha de D. Luís de

Lencastre, comendador da Ordem de Avis, e neta de D. Jorge de Lencastre que fora administrador da Ordem de Santiago e Avis, morreu em 1623 ou 1624 e dela salientava-se a sua vida devota e espiritual<sup>125</sup>.

Dentre estes “santos” das Ordens Militares são escassos aqueles que alcançaram a memorização através do exercício da guerra santa. Com base no que foi dito até este momento, podemos sistematizar o nome de seis indivíduos das referidas quatro Ordens Militares estabelecidas no reino português:

<b>Ordem do Hospital</b>	D. Garcia Martins (m. 1306) Fr. Jerónimo Pessoa e Fr. Francisco Brito (m. 1565)
<b>Ordem de Cristo</b>	Fr. Matias de Azevedo e Fr. Tomé de Brito (m. 1578)
<b>Ordem de Avis</b>	D. Gonçalo Viegas (m. 1195) Infante D. Fernando (m. 1443)
<b>Ordem de Santiago</b>	D. Paio Peres Correia (m. 1275)

Tabela 2 - “Santos” mártires das Ordens Militares<sup>126</sup>.

Apesar da escassez das fontes, os feitos heróicos de dois destes freires “santos” foram perpetuados pela cronística medieval das Ordens Militares, nomeadamente, a *Coronica de como Dom Payo Correa Mestre de Santiago de Castella tomou este reyno do Algarve aos Moros* e o *Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando*.

Constatamos que as diferentes narrativas, hagiográfica e cronística, concorrem para uma dupla finalidade: a narrativa hagiográfica visa fundamentar a santificação no martírio; a narrativa cronística usa a guerra religiosa para fundamentar a apropriação política e territorial.

<sup>119</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo I. Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652, p. 394.

<sup>120</sup> Cf. PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 88 (pp. 73-90).

<sup>121</sup> Cf. PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 88 (pp. 73-90).

<sup>122</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II. Lisboa: Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657, pp. 393-394.

<sup>123</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II. Lisboa: Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657, p. 401.

<sup>124</sup> FARINHA, Maria do Carmo; JARA, Anabela Azevedo - *Mesa da Consciência e Ordens: inventário*. Lisboa: IAN/TT, 1997, p. 336.

<sup>125</sup> MENDES, Paula Almeida - *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017, p. 96.

<sup>126</sup> Fontes: MENDES, Paula Almeida - “*Milícia e ‘Santidade’ no agiologio lusitano dos santos, e varoens illustres em virtude do reino de portugal e suas conquistas (1652, 1657, 1666, 1744) de Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa*”. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 20 (2013), p. 91-119; PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 73-90; VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 69-80; SOUSA, António Caetano - *Agiologio Lusitano*. Tomo IV. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1744; CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo I, Lisboa: Officina Craesbeekiana, 1652; CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II, Lisboa, Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657; CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III, Lisboa, Officina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666.

## 2. 2 Narrativas medievais de freires mártires das Ordens Militares

A crónica da conquista do Algarve por D. Paio Peres Correia, é um texto cujo autor se ignora, bem como o tempo em que foi redigido, e que se conhece apenas através de uma cópia do século XVIII<sup>127</sup>. Apesar de o seu autor ser desconhecido, poderá tratar-se de um freire santiaguista pelo destaque dado à figura do Mestre e aos freires martirizados.

Mestre Paio Peres Correia nasceu em Portugal, no couto de Fralães, solar dos Correia, em Barcelos (Braga), no início do séc. XIII. Muito novo foi nomeado comendador de Alcácer, cargo que ocupou durante nove anos (1232-1241). Depois foi nomeado comendador-mor de Uclés, razão que justifica a sua aproximação a Fernando III de Castela e ao infante D. Afonso herdeiro do trono castelhano, junto ao qual participou, já como mestre da Ordem, na conquista do reino de Múrcia. Enquanto representante diplomático do rei Afonso X deslocou-se a Roma em 1258 e em 1263 interveio nas negociações entre o rei de Castela e o rei D. Afonso III de Portugal na resolução do conflito pela posse do Algarve<sup>128</sup>.

A crónica da conquista do Algarve relata a tomada das vilas de Cacela, Castro Marim, Tavira e Faro com enfoque na figura do Mestre D. Paio Peres Correia e a gesta dos seis freires cavaleiros santiaguistas e do mercador Garcia Rodrigues, martirizados pelos “*moros*”. Isabel Marcante considera este um dos momentos mais relevantes da crónica onde se espelha “a coragem, a fidelidade, a excecionalidade e a devoção no cumprimento do serviço de Deus”: a coragem dos seis cavaleiros que resistem até à morte, a fidelidade do mercador que vai em socorro dos cavaleiros e aí perece, e a excecionalidade do Mestre que vinga a morte dos sete, tomando Tavira e desbaratando os mouros<sup>129</sup>. A memória do feito é projetada na lápide erigida na igreja de Santa Maria (sagrada sobre a antiga mesquita):

*e tomada a villa deixo a o Mestre segura e tornou com munta gente às Anttas onde jazião os cavalleiros mortos e com grande gemidos e dor os*

<sup>127</sup> MARCANTE, Isabel Maria Pessanha - *Memória e Imaginário medievais em quatro relatos de conquista*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Aberta, 2019, p. 72.

<sup>128</sup> LÓPEZ FERNÁNDEZ, Manuel - *La persona de Pelay Pérez Correa maestro de la Orden de Santiago*. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) - *As ordens militares e as ordens de cavalaria na construção do mundo ocidental*. Ed. Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2005, p. 192 (pp. 191-225).

<sup>129</sup> MARCANTE, Isabel Maria Pessanha - *Memória e Imaginário medievais em quatro relatos de conquista*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Aberta, 2019, pp. 74-76.

*tirarão dante os mouros que jazião os corpos delles lançados no sangue com as espadas nuas e trouxeram nos à villa e fizeram na mesquita mor da Igreja de Santa Maria e mandou o Mestre fazer um moemento em que pos sete escudos com as vieiras do senhor Santiago a ali forão subterrado todos seis e o mercador com elles os nomes dos quais são os que se seguem Dom Pero Pais comendador mor, Mem do Valle, Damião Vaz, Alvaro Gracia, Estevão Vaz, Valério de Osá, e o mercador Gracia Rodrigues cujos corpos forão despois tidos em grande reliquia e reverencia e devoção como a mártires que expargirão seu sangue por honrra da fee de Jesus Christo*<sup>130</sup>.

Com este monumento funerário prolongava-se no tempo a devoção a estes mártires da Ordem de Santiago, levando os devotos não só a reviver os acontecimentos que conduziram ao dito martírio, mas também a identificarem-se espiritualmente com os referidos mártires<sup>131</sup>.

Após a conquista de Faro, em 1249, o autor da crónica da conquista do Algarve, recria um diálogo entre D. Afonso III e o Mestre de Santiago D. Paio Peres Correia<sup>132</sup>, onde é exaltado o martírio enquanto entrega a Cristo para salvação das almas. Demonstrando o rei grande pesar pela morte de cavaleiros nos combates das vilas algarvias, contesta o Mestre “Senhor, disse o Mestre, não tomais nojo por os mortos porque morrerão no serviço de Deus e salvação de suas almas”<sup>133</sup>. Esta declaração do Mestre condensa a teorização do conceito de guerra santa<sup>134</sup>. Segundo Jean Flori, a guerra santa era considerada uma vontade divina e, por consequência, conducente à salvação atribuindo ainda recompensas espirituais àqueles que lutavam até à morte<sup>135</sup>. Com Leão IX (1049-1054), a guerra fora colocada ao serviço do Papado, difundindo-se o caráter santo da atividade bélica, cujas raízes remontam à cultura bíblica e a Santo Agostinho. A

<sup>130</sup> *Crónica de como D. Paio Correia, mestre de Santiago de Castela tomou este reino do Algarve aos mouros*. Transcrição de Óscar Caeiro Pinto. Tavira: Arquivo Municipal, ed. 2013, pp. 12-13.

<sup>131</sup> MARCANTE, Isabel Maria Pessanha - *Memória e Imaginário medievais em quatro relatos de conquista*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Aberta, 2019, p. 99.

<sup>132</sup> PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 74 (pp. 73-90).

<sup>133</sup> *Crónica de como D. Paio Correia, mestre de Santiago de Castela tomou este reino do Algarve aos mouros*. Transcrição de Óscar Caeiro Pinto. Tavira: Arquivo Municipal, ed. 2013, p. 19.

<sup>134</sup> Sobre este processo da guerra justa e da guerra santa ver FLORI, Jean, *Guerra santa, Yihad, cruzada: violencia y religión en el Cristianismo y el Islam*, trad. de Rafael G. Peinado Santaella. Granada: Universidades de Granada e Valencia, 2004.

<sup>135</sup> FLORI, Jean – *Guerre Sainte*, in Nicole Bériou; Philippe Josserand. (eds.) - *Prier et Combattre – Dictionnaire Européen des Ordres Militaires au Moyen Âge*. Paris: Fayard, 2009, p. 410 (pp. 410-411).

“guerra justa” dera lugar à “guerra santa”, justificando-se a violência cristã com argumentos teológicos<sup>136</sup>. O processo de sacralização da guerra e das atividades bélicas, já presente nos séculos VIII e IX e nas relações entre papas e carolíngios, conheceu no século X um notável desenvolvimento com os movimentos das pazes e das tréguas de Deus. Para além disso, como demonstrado pelo estudo de Friedrich Prinz<sup>137</sup>, a relação entre clero e guerra é uma constante da história medieval, já desde a Alta Idade Média, não sendo por isso uma característica particular do século XI.

Ao contrário de outros relatos de batalhas, como por exemplo na batalha do Salado, na crónica da conquista do Algarve não há elementos do “maravilhoso”, como sinais, prodígios ou milagres. Na opinião de Isabel Marcante, esta constatação poderia explicar-se por querer concentrar o foco do relato na consolidação do poder político através da conquista definitiva do Algarve<sup>138</sup>.

Os historiadores santiaguistas consideram D. Paio Peres Correia um dos seus maiores mestres enquanto dirigentes da instituição, sendo o único a quem atribuem um milagre, segundo o qual a Virgem deteve o curso do sol por invocação do Mestre. Com esta intervenção da Virgem, os santiaguistas puderam derrotar os muçulmanos no decurso de uma batalha. A lenda do milagre de Tudía foi difundida em tempos medievais e modernos e, graças a D. Jorge, duque de Coimbra e mestre da Ordem de Santiago em Portugal, ficou registado num dos quadros que compunham o retábulo-mor da igreja de Santiago de Palmela (e que hoje se encontra no Museu de Arte Antiga de Lisboa)<sup>139</sup>. Deste retábulo fariam parte 12 painéis de pinturas atribuídos a Grão Vasco e dos quais restam apenas oito; o painel em questão intitula-se *D. Paio Peres Correia invocando a Virgem em Tentúdia*<sup>140</sup>. Reza ainda a lenda que, após a batalha, para dar de beber às tropas, o Mestre D. Paio Peres Correia bateu com

a sua lança numa pedra e daí brotou água em abundância<sup>141</sup>.

Urbano VI considerava o Mestre Paio Peres Correia “vir devotissimus, zelum habens intimae puritatis ad Deum, discretionis maturitates praedictus, et in agendis multipliciter circumspectus”, ou seja um homem muito devoto, zeloso, discreto e muito prudente na sua maneira de atuar<sup>142</sup>. Os cronistas Pedro de Orozco e Juan de la Parra, quando em finais do século XV começaram a redigir a sua história da Ordem de Santiago, relatam Paio Peres Correia como um mestre pelo qual sentiam grande admiração, destacando as suas qualidades enquanto fervoroso crente e destro manejador de espada, mas também de caráter autoritário<sup>143</sup>. D. Paio Peres Correia morreu em janeiro de 1275 fazendo-se sepultar na igreja de Santa Maria de Tavira por devoção àqueles mártires, seus companheiros<sup>144</sup>.

Segundo o cronista da Crónica Geral de Espanha, D. Paio Peres Correia, mestre da Ordem de Uclés, com a sua cavalaria – que eram entre freires e sergentes 280 cavaleiros – em auxílio do rei Fernando III de Castela e de seu filho, o infante D. Afonso, desbarataram e venceram o exército muçulmano<sup>145</sup>. Por sua vez, Jerónimo Román, cronista das Ordens Militares de Cristo, Avis e Santiago, refere-se pontualmente a D. Paio Peres Correia como tendo conquistado “grandes tierras y todo el Algarve” e enquanto comendador-mor da Ordem de Santiago em Portugal<sup>146</sup>.

Uma outra narrativa de milagres se destaca enquanto associada a freires “santos” de Ordens Militares em contexto de guerra santa. Trata-se do relato da vida e martírio do Infante Santo após o desastre de Tânger, da autoria de um freire da Ordem de Avis, Frei João Álvares.

A empresa de Tânger foi, como sabemos, mal sucedida. Após a conquista

<sup>136</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 71 (pp. 69-80).

<sup>137</sup> LÓPEZ FERNÁNDEZ, Manuel - *La persona de Pelay Pérez Correa maestre de la Orden de Santiago*. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) - *As ordens militares e as ordens de cavalaria na construção do mundo ocidental*. Ed. Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2005, p. 217 (pp. 191-225).

<sup>138</sup> LÓPEZ FERNÁNDEZ, Manuel - *La persona de Pelay Pérez Correa maestre de la Orden de Santiago*. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) - *As ordens militares e as ordens de cavalaria na construção do mundo ocidental*. Ed. Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2005, pp. 217-218 (pp. 191-225).

<sup>139</sup> ROSA, Maria de Lurdes - *A Santidade no Portugal Medieval: narrativas e trajetos de vida*. «Lusitania Sacra», 2ª série, nº 13-14 (2001-2002), p. 434 (pp. 369-450).

<sup>140</sup> *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Edição crítica do texto por Luís Filipe Lindley Cintra. Vol. IV, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, ed. 1990, pp. 453-455.

<sup>141</sup> ROMÁN, Jerónimo - *História das Inéclitas Cavalarias de Cristo, Santiago e Avis*. In COSTA, Paula Pinto (ed.) - *istória das Inéclitas Cavalarias de Cristo, Santiago e Avis, por Fr. Jerónimo Román*. Luís Adão da Fonseca (coord.) - *Militarium Ordinum Analecta*. Vol. 10. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida/ CEPESE, 2008, pp. 195 e 212. Disponível em <<http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/militarium-ordinum-analecta-n-o-11-1>>.

<sup>136</sup> COSTA, Paula Pinto (ed.) - *História das Inéclitas Cavalarias de Cristo, Santiago e Avis, por Fr. Jerónimo Román*. Luís Adão da Fonseca (coord.) - *Militarium Ordinum Analecta*. Vol. 10. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida/ CEPESE, 2008, p. 160. Disponível em <<http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/militarium-ordinum-analecta-n-o-11-1>>.

<sup>137</sup> PRINZ, Friedrich (1994) - *Clero e guerra nell'alto medioevo*, Torino, Einaudi.

<sup>138</sup> MARCANTE, Isabel Maria Pessanha - *Memória e Imaginário medievais em quatro relatos de conquista*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Aberta, 2019, p. 80.

<sup>139</sup> LÓPEZ FERNÁNDEZ, Manuel - *La persona de Pelay Pérez Correa maestre de la Orden de Santiago*. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) - *As ordens militares e as ordens de cavalaria na construção do mundo ocidental*. Ed. Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2005, p. 193 (pp. 191-225).

<sup>140</sup> SERRÃO, Vítor - *As encomendas de pintura à sombra da Ordem de São Tiago de Espada, séculos XVI, XVII e XVIII*. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) - *As ordens militares e as ordens de cavalaria na construção do mundo ocidental*. Ed. Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2005, p. 884 (pp. 881-898).

falhada em 1437, o infante D. Fernando foi capturado e, sacrificado aos interesses políticos nacionais, tendo sido transformado em mártir da conquista norte-africana<sup>147</sup>. Lembremos que a investida fora aprovada pelo rei D. Duarte e liderada pelo seu irmão o infante D. Henrique, administrador da Ordem de Cristo, e que o infante D. Fernando era então o administrador da Ordem de Avis, tendo morrido no cativeiro de Fez em 1443. Só após a conquista de Arzila, em 1451, se recuperou o seu corpo e as suas relíquias foram então recebidas com grande pompa<sup>148</sup>. Foi beatificado em 1470<sup>149</sup>.

João Álvares era freire da Ordem de Avis e foi abade comendatário de Paço de Sousa. Foi autor de diversas obras sendo a principal o *Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando*. Foi editada em 1527, numa refundição de Jerónimo Lopes, e reeditada em 1577, por Frei Jerónimo Ramos, a pedido do cardeal D. Henrique<sup>150</sup>.

João Álvares, fiel secretário do infante D. Fernando, acompanhou-o no cativeiro de Fez e, após a morte do infante (1443) ainda aí permaneceu sendo libertado cinco anos depois por intervenção do regente D. Pedro<sup>151</sup>. A partir de meados de 1451, e a pedido do infante D. Henrique, administrador da Ordem de Cristo, João Álvares, então seu secretário, inicia a redação da biografia do Infante Santo<sup>152</sup>. Após a morte do infante D. Henrique, em 1460, João Álvares é nomeado abade comendatário do mosteiro de Paço de Sousa, visitador dos mosteiros da diocese e procede à reforma da disciplina eclesiástica da Ordem de S. Bento<sup>153</sup>. Em 1471, após a conquista de Arzila, é negociada a entrega das relíquias de D. Fernando.

Atentemos agora nas palavras do cronista Frei João Álvares que se intitula “cavaleiro da Ordem de Avis e da Casa do senhor Infante D. Henrique [...] a mais certa e chegada testemunha da sua vida [do infante D. Fernando] e de seus feitos”<sup>154</sup>. O biógrafo exalta as qualidades morais do infante, a sua vida de contenção dedicada à oração “des idade de XIV anos” e à assistência aos pobres e doentes; renitente, aceitara de seu irmão, o rei D. Duarte, o mestrado da Ordem de Avis, mas recusou depois o barrete cardinalício<sup>155</sup>. Já depois de ser capturado e feito refém pelos mouros, relata o biógrafo:

*Em sete meses que o Infante esteve em Arzila, nunca o leixaram muitas enfermidades, de que foi em tanta fraqueza, que a mor parte do tempo jazia em cama, as quais ele suportava com muita paciência. E nunca, porende, um só dia leixou de rezar as horas canónicas*<sup>156</sup>.

Após vários dias doente, o infante entrando em agonia, orou com grande devoção:

*E quando o confessor esguardou no rosto do infante, viu-lhe dele sair mui grande claridade o gesto alegre e muito risonho”. Perguntam-lhe os companheiros se dormia ao que responde “Duas horas seriam ante da manhã que eu jazendo, imaginando nas angústias deste mundo e na glória dos bem-aventurados, me começou de vir ao coração uma grande soidade e desejo de me ir deste mundo; e em esto firmei os olhos naquela parede e vi em direito de mim uma senhora assentada [...] e logo conheci e me pareceu que aquela seria a Virgem Maria*<sup>157</sup>.

O infante D. Fernando teria tido uma visão, já perto da hora da morte: a Rainha dos Anjos surgia diante dele dando-lhe conhecimento que a hora da sua

<sup>147</sup> ROSA, Maria de Lurdes - *Santo e Demónios no Portugal Medieval*. Porto: Fio da Palavra, 2010, p. 46.

<sup>148</sup> ROSA, Maria de Lurdes - *Santo e Demónios no Portugal Medieval*. Porto: Fio da Palavra, 2010, p. 47.

<sup>149</sup> Sobre a biografia do Infante Santo ver FONTES, João Luís Inglês - *Percursos e memória: do infante D. Fernando*. Cascais: Patrimonia, 2000.

<sup>150</sup> REBELO, António Manuel Ribeiro - *O Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando, de Fr. João Álvares*. In *Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica – Obras pioneiras da cultura portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2019, p. 37 (pp. 31-57); MENDES, Paula Almeida - *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017, pp. 152 e 415.

<sup>151</sup> REBELO, António Manuel Ribeiro - *O Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando, de Fr. João Álvares*. In *Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica – Obras pioneiras da cultura portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2019, p. 34 (pp. 31-57).

<sup>152</sup> REBELO, António Manuel Ribeiro - *O Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando, de Fr. João Álvares*. In *Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica – Obras pioneiras da cultura portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2019, p. 34 (pp. 31-57). Sobre a discussão se esta obra de João Álvares se trata de uma biografia, uma crónica ou uma hagiografia ver o mesmo autor, p. 47.

<sup>153</sup> REBELO, António Manuel Ribeiro - *O Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando, de Fr. João Álvares*. In *Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica – Obras pioneiras da cultura portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2019, p. 35 (pp. 31-57).

<sup>154</sup> ÁLVARES, João, O.A. - *Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando*. In *Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica – Obras pioneiras da cultura portuguesa*. Vol. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, ed. 2019, p. 501 (pp. 497-576).

<sup>155</sup> ÁLVARES, João, O.A. - *Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando*. In *Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica – Obras pioneiras da cultura portuguesa*. Vol. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, ed. 2019, pp. 507, 509-511, 516 (pp. 497-576).

<sup>156</sup> ÁLVARES, João, O.A. - *Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando*. In *Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica – Obras pioneiras da cultura portuguesa*. Vol. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, ed. 2019, p. 525 (pp. 497-576).

<sup>157</sup> ÁLVARES, João, O.A. - *Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando*. In *Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica – Obras pioneiras da cultura portuguesa*. Vol. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, ed. 2019, pp. 562-563 (pp. 497-576).

morte estaria próxima e que em breve se juntaria ao Pai<sup>158</sup>.

Segundo Frei João Álvares, logo após a morte do infante se lhe atribuíram ações maravilhosas. Foi o próprio biógrafo a trazer de África as relíquias do infante que, por ordem de D. Afonso V, foram levadas para o mosteiro da Batalha, passando antes por Tomar, juntando-se o infante D. Henrique ao cortejo<sup>159</sup>. A chegada dos seus restos mortais é relatada no *Agiologio Lusitano*:

*não se pode exagerar com palavras o contentamento que recebeo o povo de Lisboa com este thesouro de tanta valia, celebrando por alguns dias festas publicas [...] em quanto não foi levado com funeral pompa ao mosteiro da Batalha*<sup>160</sup>.

Jerónimo Román desconhecia, porém, como as relíquias do infante chegaram ao reino, mas reafirma a santidade que lhe era atribuída. Segundo este cronista, após a morte do infante a 5 de junho de 1443,

*los moros pusieron su cuerpo colgado de una puerta de la ciudad de Fes y de ay fue traído como por milagro a la ciudad de Lisboa [...] y de ay fue llevado a Santa Maria de la Batalla [...] adonde hiso muchos milagros confirmando los muchos que hiso em Africa en vida y despues su muerte*<sup>161</sup>.

Seis anos esteve o infante D. Fernando em cativo, desde que foi capturado em 1437, em Tânger, até à sua morte em 1443, em Fez.

Júlio Dantas, contrariando os relatos de despojamento acerca do infante D. Fernando, e a partir da leitura do seu testamento, afirma que o infante vivia rodeado de grande luxo e magnificência, acumulando na sua capela numerosa ourivesaria sacra, ricos paramentos e alfaias litúrgicas. A biblioteca do Infante Santo possuía 44 códices, quase tantos como o rei seu irmão, custodiada por

Vasco Gil que exercia simultaneamente as funções de copista e iluminador<sup>162</sup>. De destacar que a sua biblioteca era exclusivamente de caráter religioso: 26 códices de obras litúrgicas e 18 de teologia. Entre estas últimas, e porque nos interessa no âmbito desta investigação, destacamos o *Flos Sanctorum*, que seria, segundo Dantas, a *Legenda Aurea*, um volume em latim e outro em português; um códice que continha o “ofício de Santa Elizabeth”, o que prova que na primeira metade do século XV já se prestava culto à rainha D. Isabel, ainda nem beatificada, e o “livro da Rainha Dona Elisabeth”, com o relato da lenda da Rainha Santa<sup>163</sup>. Entre os textos litúrgicos que faziam parte da biblioteca do infante destacamos ainda o ofício da *Victoria Christianorum* que comemorava a vitória cristã na Batalha do Salado<sup>164</sup>.

Vejam agora, a título complementar, esta narrativa enquanto relato cruzadístico com a participação de membros das Ordens Militares. Apesar de não ter sido redigida por um freire de Ordens Militares nem relatar o seu martírio, convoca a presença do maravilhoso como contributo para a vitória dos cristãos. A singularidade desta vitória cristã ficou memorada no ofício litúrgico de 30 de outubro que comemorava a *Victoria Christianorum*, cujo ofício foi celebrado nas dioceses portuguesas até meados do século XX, até ser proibida a sua celebração pelo Concílio Vaticano II<sup>165</sup>.

A Batalha do Salado (1340), designada nas crónicas muçulmana como Lide de Tarifa, deu origem a diversos relatos em latim, tendo apenas sobrevivido a memória *In Sancta et admirabili Victoria Cristianorum*, que, segundo, Manuel Ramos, poderá ter sido terminada ainda no ano de 1341, mas que se conhece apenas por uma cópia tardia da autoria de Frei Francisco Brandão, redigida no século XVII<sup>166</sup>.

Neste relato não há qualquer referência à relíquia da Vera Cruz, que surge apenas na narrativa do cronista-refundidor do *Livro de Linhagens*, de cerca de 1380; na memória do texto coevo do Salado, o maravilhoso manifesta-se pela aparição de “cavaleiros enormes que pela estatura pareciam gigantes, em

<sup>158</sup> VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso* «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 71 (pp. 69-80).

<sup>159</sup> ÁLVARES, João, O.A. - *Tratado da vida e feitos do muito virtuoso senhor infante D. Fernando*. In *Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica – Obras pioneiras da cultura portuguesa*. Vol. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, ed. 2019, p. 575 (pp. 497-576).

<sup>160</sup> CARDOSO, Jorge - *Agiologio lusitano dos sanctos e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: Officina de Antonio Craesbeek de Mello, 1666, p. 718.

<sup>161</sup> ROMÁN, Jerónimo - *História das Ínclitas Cavalarias de Cristo, Santiago e Avis*. In COSTA, Paula Pinto (ed.) - *História das Ínclitas Cavalarias de Cristo, Santiago e Avis, por Fr. Jerónimo Román*. Luís Adão da Fonseca (coord.) - *Militarium Ordinum Analecta*. Vol. 10. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida/ CEPESE, 2008, pp. 257-258. Disponível em <<http://www.cepesepublicacoes.pt/portal/pt/obras/militarium-ordinum-analecta-n.o-11-12>>.

<sup>162</sup> DANTAS, Júlio - *Os livros em Portugal na Idade Média. II. A Livraria do Infante Santo*. «Anais das bibliotecas e arquivos», vol. 2 (1921), pp. 102-103 (pp. 101-109).

<sup>163</sup> DANTAS, Júlio - *Os livros em Portugal na Idade Média. II. A Livraria do Infante Santo*. «Anais das bibliotecas e arquivos», vol. 2 (1921), pp. 103-105, 108 (pp. 101-109).

<sup>164</sup> RAMOS, Manuel - *Memória de Victoria Christianorum (Salado – 1340)*. Ed. crítica, tradução e estudo do manuscrito Alcobacense CDXLVII/114 [fl. 354(346)r-363(355)r]. Braga: Ed. autor, 2019, p. 17.

<sup>165</sup> RAMOS, Manuel - *Memória de Victoria Christianorum (Salado – 1340)*. Ed. crítica, tradução e estudo do manuscrito Alcobacense CDXLVII/114 [fl. 354(346)r-363(355)r]. Braga: Ed. autor, 2019, pp. 16 e 18.

<sup>166</sup> RAMOS, Manuel - *Memória de Victoria Christianorum (Salado – 1340)*. Ed. crítica, tradução e estudo do manuscrito Alcobacense CDXLVII/114 [fl. 354(346)r-363(355)r]. Braga: Ed. autor, 2019, pp. 7 e 14.

auxílio dos cristãos” e pela aparição dos três santos guerreiros: Tiago, enquanto padroeiro da reconquista peninsular, Vicente, como padroeiro de Lisboa e sendo invocado desde D. Afonso Henriques, e Jorge, guerreiro e mártir invocado pelas tropas nacionais desde que os cruzados ingleses prestaram apoio a D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa<sup>167</sup>. A memória *In Sancta et admirabili Victoria Cristianorum*, no título III, relata apenas que o rei de Portugal, D. Afonso IV, no dia em que começou a lutar a 30 de outubro, ao lado dos outros reis cristãos, “tinha diante de si a imagem da cruz”<sup>168</sup> e que o estandarte do rei era levado pelo cavaleiro Gonçalo Gomes de Azevedo, sobrinho bisneto de D. Paio Peres Correia<sup>169</sup>, mestre da Ordem de Santiago que se destacara na conquista do Algarve.

O referido *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* foi redigido entre 1340 e 1344 e teve duas importantes “refundições” entre 1360-1365 e em 1380-1383<sup>170</sup>. A figura do prior hospitalário D. Álvaro Gonçalves Pereira assume um protagonismo evidente no *Livro de Linhagens*, sobretudo depois das refundições e, em particular, da de 1380-1383. Na extensa narrativa da batalha do Salado, em 1340, o prior e a Ordem do Hospital surgem imbuídos de uma missão providencial revelada na milagrosa vitória<sup>171</sup>, num renovado ideal de cruzada. Não esqueçamos que a relíquia da Vera Cruz de Marmelar, propriedade dos Hospitalários, surge associada, nesta versão da narrativa, a essa importante vitória da Reconquista peninsular<sup>172</sup>. Antes do combate, D. Afonso IV pede ao prior hospitalário para mostrar ao exército a relíquia vinda expressamente de Marmelar, numa solene procissão e relatada no *Livro de Linhagens*:

*Disse [D. Afonso IV] a Dom Álvaro Gonçalves Pereira, prior da Ordem da cavalaria de Sam Joham no reino de Portugal, que fizesse mostrar a*

<sup>167</sup> RAMOS, Manuel - *Memória de Victoria Christianorum (Salado – 1340). Ed. crítica, tradução e estudo do manuscrito Alcobacense CDXLVIII/114 [fl. 354(346)r-363(355)r]*. Braga: Ed. autor, 2019, pp. 53-54.

<sup>168</sup> Trad. de RAMOS, Manuel - *Memória de Victoria Christianorum (Salado – 1340). Ed. crítica, tradução e estudo do manuscrito Alcobacense CDXLVIII/114 [fl. 354(346)r-363(355)r]*. Braga: Ed. autor, 2019, p. 98.

<sup>169</sup> Trad. de RAMOS, Manuel - *Memória de Victoria Christianorum (Salado – 1340). Ed. crítica, tradução e estudo do manuscrito Alcobacense CDXLVIII/114 [fl. 354(346)r-363(355)r]*. Braga: Ed. autor, 2019, p. 98.

<sup>170</sup> SOUSA, Bernardo Vasconcelos e - *As Ordens Militares nos nobiliários medievais portugueses*. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) - *As ordens militares e as ordens de cavalaria na construção do mundo ocidental*. Ed. Colibri/ Câmara Municipal de Palmela, 2005, p. 623 (pp. 623-630).

<sup>171</sup> SOUSA, Bernardo Vasconcelos e - *As Ordens Militares nos nobiliários medievais portugueses*. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) - *As ordens militares e as ordens de cavalaria na construção do mundo ocidental*. Ed. Colibri/ Câmara Municipal de Palmela, 2005, p. 629 (pp. 623-630).

<sup>172</sup> Sobre as relíquias das Ordens Militares ver a sistematização em NUNES, Natália Maria Lopes - *O culto das relíquias nas Ordens Militares*. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) - *As Ordens Militares. Freires, Guerreiros, Cavaleiros*. Vol. 1. Palmela: GEsOS/ Município de Palmela, 2012, p. 221-241.

*Vera Cruz de Marmelar que lhi el mandou trager. E o prior dom Álvaro de Pereira mandou vestir uum crerigo de missa em vestimentas alvas e a Vera Cruz em ua hasta grande que se podessem veer de todas as partes. [...] e dixeu-lhi o priol dom Álvaro “havedes de vencer estas lides e vós havedes de vencer primeiro”<sup>173</sup>.*

Outro santo militar venerado entre as milícias monásticas foi D. Nuno Álvares Pereira, Condestável do Reino e filho do prior do Hospital D. Álvaro Gonçalves Pereira. Nuno Álvares Pereira, enquanto filho do prior do Hospital, conhecia bem a vivência religiosa das Ordens Militares. Após a morte da sua mulher, ingressou na Ordem do Carmo cuja espiritualidade se associava à dos Hospitalários. Segundo Lurdes Rosa, a primeira fundação portuguesa carmelita, em meados do século XIII, deveu-se aos Cavaleiros de S. João de Jerusalém que teriam chamado os frades carmelitas ao seu convento de Moura para aí desempenharem funções sacerdotais e espirituais. O jovem Nuno Álvares teria sido presença assídua do convento do Carmo em Moura<sup>174</sup>.

Com a intenção de promover o culto ao Condestável, o infante D. Duarte e seus irmãos patrocinaram o livro da compilação dos seus milagres e o infante D. Pedro ainda compôs uma oração litúrgica em sua honra<sup>175</sup>. Na véspera da partida para Tânger, em 1437, o convento do Carmo foi palco de uma encenação onde a “bandeira do Santo Conde” fora exibida durante a procissão, fomentando a sua devoção e apelando à sua santificação<sup>176</sup>.

A pregação da Cruzada era realizada em datas cujo significado eclesástico era especialmente adequado, nomeadamente o “dia da Cruz” que, na realidade, se convertia em três dias: a recuperação da Cruz (3 de maio), a aparição da Cruz (19 de agosto) e a exaltação da Cruz (14 de setembro)<sup>177</sup>. Nesses ofícios litúrgicos havia referências à luta contra os inimigos da fé. Refira-se o *Liber de predicatione sancte Crucis*, escrito em 1266 por Humberto de Romanos, dedicado a formar os pregadores da Cruzada e que incluía o exemplo de Carlos Magno, enquanto rei cruzado da Hispânia<sup>178</sup>. Um *Flos Sanctorum* de inícios do

<sup>173</sup> In PICOITO, Pedro - *As Ordens Militares e o culto dos mártires em Portugal*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, pp. 78-79 (pp. 73-90).

<sup>174</sup> ROSA, Maria de Lurdes - *Santo e Demónios no Portugal Medieval*. Porto: Fio da Palavra, 2010, p. 44.

<sup>175</sup> ROSA, Maria de Lurdes - *Santo e Demónios no Portugal Medieval*. Porto: Fio da Palavra, 2010, p. 45.

<sup>176</sup> ROSA, Maria de Lurdes - *Santo e Demónios no Portugal Medieval*. Porto: Fio da Palavra, 2010, p. 45.

<sup>177</sup> RODRÍGUEZ-GARCÍA, José Manuel - *La cruzada en tiempos de Alfonso X*. Madrid: Sílex, 2014, p. 154.

<sup>178</sup> RODRÍGUEZ-GARCÍA, José Manuel - *La cruzada en tiempos de Alfonso X*. Madrid: Sílex, 2014, p. 157.

século XVI memora, em maio, o relato “Da destruyçam de Jherusalem”<sup>179</sup> e a história “De como foy achada a Cruz de Nosso Senhor e quem ha achou”<sup>180</sup>; e em setembro recorda a história “Da Exaltação da Sancta Cruz de Nosso Senhor Jhesu Christo”<sup>181</sup>.

### 2.3. Narrativas hagiográficas da autoria de freires das Ordens Militares

Podemos assinalar um outro aspeto associado a esta dualidade da devoção hagiográfica a freires das Ordens Militares e que são as narrativas hagiográficas redigidas por freires das Ordens Militares. Sobretudo para o século XVII, existem já numerosos estudos, como o de Paula Almeida Mendes, intitulado *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*, publicado em 2017; e o de José Adriano de Freitas Carvalho, *Ordem de Cristo e Literatura de Espiritualidade no século XVII*, publicado em 1997, no âmbito dos II Encontros sobre Ordens Militares, em Palmela.

Para cronologias anteriores, não existem estudos especificamente direcionados para essa temática, sendo apenas possível extrair informações parcelares de estudos que envolvam, simultaneamente, a temática das Ordens Militares, da hagiografia e da cronística. Um dos motivos que poderia explicar a inexistência dessa produção narrativa seria a escassa formação espiritual dos freires porque se encontravam dedicados ao serviço de Deus através das armas. Por outro lado, a sua instrução limitava-se, então, ao conhecimento da Regra e dos estatutos, também este limitado, como se depreende da recomendação da leitura desses textos durante os capítulos gerais<sup>182</sup>.

Na tabela que se segue estão indicados os nomes de alguns freires das Ordens Militares a quem estão atribuídas narrativas de carácter hagiográfico, desde finais da Idade Média até ao XVII.

Ordem do Hospital/ Malta	Ordem de Cristo	Ordem de Avis	Ordem de Santiago
António Pereira de Lima (s. XVII) – <i>Vida de Frei Luís Mendes de Vasconcelos</i>	Fr. Duarte de Araújo (s. XVII) – <i>Paixão de Santa Iria</i>	Fr. João Álvares (s. XV) – <i>Tratado da vida do infante D. Fernando</i>	<i>Passio Sanctorum Verissimi, Maximae et Juliae</i> (anónimo, do mosteiro de Santos ou Chelas)
	Fr. Isidoro Barreira (s. XVII) – <i>Paixão de Santa Iria</i>		Diogo Marques Salgueiro (s. XVII) – <i>Vida de D. Ana de Lencastre</i>
	Fr. Miguel Pacheco (s. XVII) – <i>Vida e milagres de Santo António</i>		
	Fr. Miguel Pacheco (s. XVII) – <i>Vida e milagres da infanta D. Maria</i>		

Tabela 3 – Alguns freires das Ordens Militares autores de narrativas hagiográficas, desde finais da Idade Média até ao XVII<sup>183</sup>

Segundo Paula Almeida Mendes a *Passio Sanctorum Verissimi, Maximae et Juliae* terá sido composta, na época medieval, por um religioso ligado ao mosteiro de Santos, que era da Ordem de Santiago, ou então pertencente ao mosteiro de Chelas, que era dos cônegos regantes de Santo Agostinho<sup>184</sup>.

O *Tratado da vida do infante D. Fernando*, da autoria de Frei João Álvares, freire da Ordem de Avis, foi redigido em meados do século XV. Em virtude de se tratar de uma narrativa sobre um santo mártir das Ordens Militares foi

<sup>179</sup> *Flos Sanctorum em linguaagem portugues*. Lisboa: Hermão de Campos, 1513, fls. 82-83.

<sup>180</sup> *Flos Sanctorum em linguaagem portugues*. Lisboa: Hermão de Campos, 1513, fls. 84-85v.

<sup>181</sup> *Flos Sanctorum em linguaagem portugues*. Lisboa: Hermão de Campos, 1513, fls. 139-141.

<sup>182</sup> OLIVEIRA, Luís Filipe - *Para o estudo da religiosidade dos freires: as fontes e alguns problemas*. In FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) - *Ordens militares e religiosidade: homenagem ao professor José Mattoso*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2010, p. 24 (pp. 23-30).

<sup>183</sup> Fonte: MENDES, Paula Almeida - *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017; VASCONCELOS, António Pestana de - *Os Santos das Ordens Militares no Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso*. «Via Spiritus Revista de História da Espiritualidade do Sentimento Religioso», vol. 3 (1996), p. 69-80.

<sup>184</sup> MENDES, Paula Almeida - *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017, p. 41.

já tratado no capítulo anterior. Aqui apenas o referimos por o seu autor ser também um freire.

Santa Iria, mártir do período alto-medieval, e ligada à história de Tomar teve a sua hagiografia escrita por Frei Duarte de Araújo, em 1597, e por Frei Isidoro Barreira, em 1618, ambos freires da Ordem de Cristo<sup>185</sup>.

Outros autores seiscentistas que compuseram hagiografias e biografias devotas das Ordens Militares foram, a título de exemplo, Frei Miguel Pacheco, da Ordem de Cristo<sup>186</sup> que escreveu sobre a vida e milagres de Santo António, e com edições publicadas nos séculos XVII e XVIII<sup>187</sup>. A vida da infanta D. Maria, filha de D. Manuel e de sua terceira mulher D. Leonor de Habsburgo, que morreu “em odor de santidade” foi redigida por Frei Miguel Pacheco, freire da Ordem de Cristo<sup>188</sup>, e cuja edição é de 1675<sup>189</sup>. Segundo o seu biógrafo, esta infanta foi a fundadora da capela de Nossa Senhora da Luz, do convento da Ordem de Cristo.

Diogo Marques Salgueiro, freire de Santiago, redigiu uma obra (publicada em 1621) relativa à vida de D. Ana de Lencastre, onde evocava a sua ligação à Companhia de Jesus e a grande devoção a S. Francisco Xavier<sup>190</sup>.

António Pereira de Lima (s. XVII), freire da Ordem de Malta e comendador de Sernancelhe, é o autor da *Vida de Frei Luís Mendes de Vasconcelos* (1672), grão-mestre da Ordem de Malta<sup>191</sup>, narrativa escrita em espanhol e posteriormente traduzido para português por Miguel Lopes Ferreira.

Como referimos, tratam-se apenas de referências pontuais a alguns freires das Ordens Militares a que são atribuídas narrativas de caráter hagiográfico. Trata-se de uma pesquisa estimulante e a que, no futuro, se poderá dedicar uma investigação aprofundada sobretudo no que respeita ao período medieval e de transição para a época moderna, época histórica para a qual ainda não existem estudos específicos.

### 3. Conclusão

O nosso objetivo inicial era estudar os freires das Ordens Militares venerados enquanto santos, beatos ou autores de feitos milagrosos em contexto de guerra santa. Para tal, procuramos fazer um levantamento dos livros litúrgicos como calendários, breviários, missais e outros livros que pudessem fornecer informações relativamente à devoção a esses freires. Porém, a ausência dos referidos livros revelou-se também uma conclusão em si mesma.

O *Agiologio Lusitano* demonstrou, assim, ser a principal fonte para a identificação dos “santos” das Ordens Militares, nomeadamente aqueles que morreram enquanto mártires, oferecendo a sua vida pela fé em Cristo. Adicionalmente, a consulta de outras fontes e bibliografia específica permitiu dilatar a identificação de outros “santos”.

Dentre estes “santos mártires”, houve dois – D. Paio Peres Correia e o Infante Santo D. Fernando – que viram a sua vida memorada pela cronística medieval das Ordens Militares. Por um lado, tratam-se de narrativas em que a justificação religiosa da guerra é colocada em grande destaque e que concorrem para a fundamentação do martírio e da santificação; por outro lado, são narrativas em que esta justificação da guerra religiosa surge para fundamentar o poder político e a expansão territorial.

Artigo recebido em 28/09/2021

Artigo aceite para publicação em 22/11/2021

<sup>185</sup> MENDES, Paula Almeida - *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017, p. 411.

<sup>186</sup> MENDES, Paula Almeida - *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017, p. 154.

<sup>187</sup> MENDES, Paula Almeida - *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017, pp. 414, 415, 422.

<sup>188</sup> Sobre esta “Vida” da infanta D. Maria ver PEIXOTO, Vera Lúcia - *Edição Crítica da Vida de la Serenissima Infanta Doña Maria de Frei Miguel Pacheco*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

<sup>189</sup> MENDES, Paula Almeida - *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017, p. 355.

<sup>190</sup> MENDES, Paula Almeida - *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de Santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017, p. 99.

<sup>191</sup> Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), 5742P.